

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

UMA FIGURA QUE DESAPARECE

A morte do tenente-coronel João Luiz de Moura causou profunda impressão, sobretudo entre os humildes

Causou uma grande impressão em Lisboa a noticia do falecimento do sr. tenente-coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa e comandante da Escola Militar Aeronautica, de Sintra. E' indiscutivel que João Luiz de Moura conseguiu, no exercicio oficial do seu cargo, criar á sua volta grandes dedicações e amizades. Pela sua propria função, o cargo de governador civil anda ligado a quasi todas as manifestações de assistencia. O falecido governador civil conviveu com os humildes, conviveu com a miseria. E soube minorá-la. Nunca ninguém se acercou dele—que não levasse um alívio ou um lenitivo para as suas dores. Era um bom homem, puro e simples. O seu rosto impassível escondia um belo coração, cheio de sensibilidade. A sua vida repartia-se em quatro aspectos, fulcros essenciaes da sua existencia: o seu lar, a aviação, a assistencia e a vida desportiva.

Era duma dedicação sem limites para as seus. Idolatrava não só a sua mulher e os seus filhinhos, como o seu venerando pai e seus irmãos, que na sua terra natal bendiziam aquele que jamais os esquecera. Seus irmãos, D. Rosalina de Moura e Antonio Luiz de Moura, vindos de Santo Estevam (Benavente) chegaram hoje, pelas 14 e 30 ao edificio do Governo Civil. Chorando convulsivamente, abraçaram-se ao corpo de seu irmão, numa manifestação de dor que impressionou todos quantos a ela assistiram.

Homens e mulheres do povo, a quem a fortuna não favoreceu, visivelmente contristados, rosto macerado pela dor, choravam angustiosamente:

—Morreu o nosso melhor amigo.

Isto demonstra claramente como a população de Lisboa apreciava a acção daquele que vivia para melhorar a sua dor e as suas agruras.

O tenente-coronel João Luiz de Moura tinha uma grande paixão pela aviação. Até o momento em que a grave doença que o havia de vitimar o acometeu, o illustre e distinto aviador, porque o era, de verdade, não deixou um dia só de chegar á sua Escola, a horas madrugadoras. E não deixou um dia só de saltar para a carlinga dum avião, e de fazer, metodicamente, apenas por puro prazer, o seu vôo cotidiano. Ainda ha pouco nos afirmava um aviador de Sintra que João Luiz de Moura se transfigurava quando, lépido e rejuvenescido, subia para o seu avião.

A sua obra de assistencia—outra admiravel faceta do seu belo espirito—pode considerar-se notavel. Em todos os lugares onde o bem fazer constituiu divisa, a sua figura surgia varias vezes, sempre acolhida com visível simpatia e respeito. Pelas corporações de Bombeiros Voluntarios distribuiu centenas de votos. Mas outras corporações lhe ficaram devendo o seu auxilio monetario e o seu estimulo espiritual.

Foi tambem enorme a sua influencia na vida desportiva do pais, onde o sr. tenente-coronel João Luiz de Moura ocupou os mais altos cargos: presidente da Federação Portuguesa de Football Association e do Club de Football «Os Belenenses». Esta ultima instituição, sobretudo, fica-lhe devendo os mais relevantes serviços. Mais não fizeram do que cumprir o seu dever as centenas de socios bele-



João Luiz de Moura

nenses que hoje passaram respeitosa-mente em frente do seu cadaver, ainda com um ar de tocante simplicidade e nobreza!

Em frente do seu ataude desfilarão milhares e milhares de pessoas, ricos e pobres, poderosos e insignificantes. As flores esgotaram-se hoje nos estabelecimentos de Lisboa. Vimos um pobre andrajoso com um lindo ramo de cravos. Deixará de comer um dia, mas prestará assim a derradeira homenagem ao seu amigo das horas infelizes.

* * *

Logo que a noticia do falecimento do sr. governador civil se tornou conhecida, muitas pessoas compareceram na rua Luciano Cordeiro, n.º 49, a apresentar condolencias á familia enlutada. O Governo encarregou o sr. ministro do Interior de manifestar os seus sentimentos e de testemunhar á familia do illustre extinto o apreço em que o tinha.

O sr. dr. Mario Pais de Sousa desempenhou-se dessa missão imediatamente, encarregando ao mesmo tempo o sr. tenente-coronel Lobo da Costa governador civil interino, de combinar com a familia do falecido as cerimoniaes do funeral.

Durante a noite, estiveram a apresentar pesames na residencia do extinto, representantes do Chefe do Estado, do presidente do Conselho, membros do Governo, e varias e numerosas individualidades, representantes das instituições de beneficencia da capital, Junta Provincial da Extremadura e outros órgãos administrativos.

Consoante ficara resolvido, pelas 10 horas e 30, o corpo do tenente-coronel João Luiz de Moura foi transportado para o edificio do Governo Civil, precisamente para a sala que serviu de camara ardente ao saudoso comandante da Policia sr. Ferreira do Amaral. Antes da trasladação, estiveram em casa do falecido chefe do distrito, o sr. tenente-coronel Lobo da Costa,

acompanhado pelos seus ajudantes e outras entidades officiais. Um auto-carro funebre transportou a urna, que se encontrava coberta com a bandeira nacional. Comovidamente, o sr. capitão-aviador Gonzaga, grande amigo do extinto, conduzia as condecorações, o boné e a espada do extinto, numa almofada envolta em crepes.

Acompanharam a urna, em automoveis, o sr. dr. Mario Pais de Sousa, ministro do Interior, major Bacelar, 2.º comandante da P. S. P., Vitorino Gama Barata, aviador Pinheiro Correia, Antonio Maria Ribeiro, dedicado amigo do extinto, dr. Cisneiros Ferreira, capitão Mala Loureiro, tenente Almeida, Pedro Terenas, Dario Conde, dr. Rodolfo Xavier da Silva, Joaquim Marques, José Oliveira Marques, Maximiano Alves, Amílcar Pinto, Luiz da Costa, Carlos Carneiro, Bombeiros Voluntarios Lisbonenses, officiais aviadores, e representantes da Caixa de Previdencia dos Profissionais da Imprensa de Lisboa.

O cortejo funebre seguiu por Santa Marta, desceu a Avenida da Liberdade, e subiu o Chiado, encaminhando-se para o Governo Civil. Ali, em cuja fachada estavam grandes panos negros, encontrava-se a bandeira nacional a meia haste e coberta de crepes. O sr. tenente-coronel Lobo da Costa, officiais da Policia e varios funcionarios aguardavam a urna contendo os restos mortais do extinto. As crianças do Asilo de Santa Catarina e das Florinhas da Rua abriram alas, na escadaria que dá acesso ao primeiro andar, á passagem do seu saudoso protector.

No salão á direita, armado em camara ardente, pequeno para conter todas as pessoas que ali foram, foi collocada a urna. Junto da urna, ficaram toda a noite, em velada angustiosa, a viuva, sr.ª D. Helena Augusta Vieira Fernandes Moura, e suas filhas sr.ªs D. Maria Helena de Moura Alvares da Silva e D. Maria Leonor Fernandes de Moura, acompanhadas pelo sr. capitão Belmiro, administrador de Sintra e cunhado do falecido.

A todo o momento chegam flores, aos montões, e coróas, ás dezenas, emranadas de casas de beneficencia e doutros organismos. Minuto a minuto chegavam representantes das entidades officiais: o sr. tenente Carvalho Nunes, representando o sr. general Carmona; general Alexandre José Malheiro, comandante da Guarda Fiscal; Daniel de Sousa, presidente do Municipio, coronel Mota Marques, major-aviador Lelo Portela, major Costa Cabral, presidente da União dos Invalidos da Guerra; professor Celestino da Costa, director da Faculdade de Medicina, dr. Nuno Vasconcelos Porto, dr. Francisco Pereira, governador civil de Viseu, Manuel Lorenna, Raul de Lemos, Ernesto Ricardo, Luiz Simões, capitão Manuel Veloso, major Carvalho Moniz, Mario Costa Pinto, Antonio Macieira Pinto, governador civil de Castelo Branco, dr. Antonio de Lemos, Honorato da Fonseca, dr. Xavier da Silva, director do Instituto Clinico da Junta Provincial, capitão João Soares, dr. José Alberto Faria, director geral de Saude, major Alberto Homem da Costa Cabral, major Quirino Monteiro, Frederico Gavazzo,

(Continuação da pagina central)

OS chineses e japoneses, depois de se canhonearem e metralharem durante alguns dias, decidiram entrar em negociações, a-fim-de resolverem pacificamente os seus desacórdos. Tudo se passará, como se nada se tivesse passado.

A diplomacia dos dois paises começou por não ter ouvidos e só decorrido muito tempo presta atenção ao fragor das batalhas.

Mostra-se risonha e serena, perguntando: —Que barulho é este?

Posta ao correr dos acontecimentos, não se perturba, pois limita-se a acumular demoras sobre demoras, até que o cansaço e o tedio vençam a parte contraria. Quando esta segue a mesma latica, depois de esgotada a provisão de mesuras e dilacções os diplomatas deixam de sorrir e entram, enfim, no estudo da questão.

Tal maneira de gastar o tempo, que os europeus classificam de perdularias reputam-na os orientais da maior importancia, porque lhes permite reflectir demoradamente e deliberar rapidamente.

* * *

GUILHERME Marconi, que conhecemos em Italia ha dezoito anos e com quem trocámos alguns dialogos dados á estampa, era um homem mais naturalmente modesto do que se possa supôr, de um idealismo mais nordico do que latino, reflectido sem ser austero, e confiante sem ser teimoso.

Lembramo-nos de uma sua frase já dada á estampa em jornais portugueses, e que era, salvo a precisão dos termos:

—Os meus inventos andam sempre adiantados meia duzia de anos nas tubas da publicidade. A fantasia precipita-se, e a circumstancia de ás vezes acertar anima os fantasiosos. Quantas coisas eu já criei—e nas quais ainda nem sequer tenho pensado.

* * *

MERECE um louvor bem merecido —referimo-nos aos louvores da opinião publica—a organização da primeira missão estetica de ferias que vai instalar-se, por agosto e setembro, no Convento de Cristo, em Tomar.

Os estudantes das nossas escolas de belas artes e os artistas já feitos encontram assim oportunidade para conhecerem os nossos monumentos e as nossas paisagens.

Passará a ser menos frequente, estamos certos disso, a ignorancia dos que, na pintura, na escultura e na arquitectura, ainda não descobriram Portugal.

* * *

ESCREVE-NOS o sr. Filipe Junqueiro para nos dizer que, em certas passagens de nivel, nos comboios do Alentejo, os carros são ás vezes obrigados a demoras que excedem trinta minutos—o que acarreta transbordos varios e tambem prejuizos.

Dirigimo-nos, bem entendido, a quem esteja em condições de dar remedio a tão justa reclamação, caso seja possivel.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

O dia religioso

AMANHÃ, 23—S. Apolinário, bispo Martir. Lausperene, sai da igreja da Madalena para a de S. Thiago.

Madalena, às 11, festa ao Corpo de Deus, por musica, reposição e Benção.

S. Thiago, às 11 e 30, missa solene, por musica; às 21, Terço de bemitos.

Exposição de imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

Pena, às 18 e 30 novena à Senhora da Pena por musica.

U atentado contra Koc

Vai ser conhecido o resultado do inquerito oficial

VARSOVIA, 22.—O comunicado oficial sobre o inquerito ao atentado contra o coronel Koc ainda não foi publicado, mas é esperado nas próximas vinte e quatro horas. Sabe-se que a explosão se produziu no momento em que o autor queria enterrar a bomba no chão. O peito e as mãos estão completamente esfrangalhados pela força da explosão, enquanto que as pernas ficaram intactas. —(D. N. B.).

Cheques sem cobertura

A Polícia já averiguou que o autor da burla por meio de cheques sem cobertura de que foi vítima o Banco de Angola, a que os nossos colegas da manhã hoje se referem—é o conhecido falsificador Manuel dos Santos, cujo nome andou envolvido no caso do Angola e Metropole.

O Manuel dos Santos, que é procurado activamente pela Polícia, regressara há pouco do Brasil, de onde conseguira sair munido de passaportes falsos.

CONFERENCIAS

O dr. Manfred Zapp, que há pouco fez em Portugal uma viagem de estudo, pronuncia hoje, pelas 20 horas, ao microfone da estação alemã «Deutschlandsender», uma conferencia sobre Portugal e o Estado Novo e as suas impressões de viagem.

EXAMES

Fez exame de instrução primaria, tendo ficado distinta a menina Maria Helena Jardim dos Santos.

Café Luso

Hoje, grandioso programa, com os estimados artistas Margarida Pereira, Madalena de Melo, Ressurreição do Nascimento e Guilherme Janeiro. Noite de arte e bem estar. Ventilação propria e artificial. Consumo 1\$30. Avenida da Liberdade, 31.

Amador Fotografico

Vá á Roiz Ld.ª entregar os seus rolos para ela lhes revelar e copiar. Entregue-lhe tambem os negativos que deseje ampliar. Verá que fica satisfeito. Roiz, Ld.ª tem os melhores laboratorios do Pais. 82—Rua Nova do Almada—84. Telefone 2 4670.

IMPOSSIBILITADO DE TRABALHAR PELAS DORES NAS COSTAS

Um sofrimento de 3 anos

As dores nas costas são o diabo... A principio são irregulares, não se lhes liga importancia, mas acabam por se tornarem cronicas, insuportaveis e inutilizam quem delas padece, incapacitando de qualquer trabalho o padecente. Era esta a situação de um conhecido chauffeur de praça, de Lisboa, até que se decidiu a tomar os Sais Kruschen. Hoje já fala de outra forma.

Durante 3 anos os rins incomodaram-no. Accbrou por ter tais dores que se viu obrigado a deixar o trabalho. Experimentou muitos remedios, mas tudo foi em vão. Um dia, deparou num dos jornais com um anuncio de Kruschen e resolveu-se a fazer mais uma experiencia. Tomou 3 frascos seguidos, obedecendo escrupulosamente ás prescrições; desapareceram-lhe as dores, ponde voltar á actividade. Diz ele que nunca mais deixará de andar com Kruschen.

Os sais que entram na composição de Kruschen forçaram suavemente os seus rins ao cumprimento da sua missão saudavel e, assim, o seu sangue ficará livre de todos os venenos, resultantes da auto-intoxicação. Sentirá, como resultado immediato, o alivio das dores e, se preserver na «pequena dose diária» de Kruschen, elas irão desaparecendo, pouco a pouco, até que delas não reste mais que uma desagradavel lembrança.

Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmacias a Esc. 17\$00 o frasco grande e Esc. 10\$00 o pequeno.

Sucursal do Café Tavares

Rua do Mundo, 60 — Telef. 2 1112

Almoços, 9\$00. Jantares, 11\$00 Esc

Esmerado serviço á lista

(Todos os dias pratos especiais)

NO CAMPO PEQUENO

Sol de 3 a 5 escudos e Sombra a 10 escudos

são os preços para a novilhada de domingo, em que os toureiros, o mais novo de 10 anos, lidarão garraios desembolados



ASSIM TOUREIA PEPITO

O Campo Pequeno abre as suas portas, no domingo, para dar lugar ao espectáculo mais interessante desta temporada. Os mais novos dos novilheiros de Espanha, Domingo, Pepe e Miguelito, de 16, 14 e 10 anos, respectivamente, lidarão, á espanhola, seis garraios desembolados, com aquela arte e valentia que lhes valeram as melhores referencias em Espanha e no Mexico.

DESCOBERTA DUMA BURLA

com maquinas de escrever

Por uma informação errada que recebemos da P. I. C., atribuímos ontem ao sr. Antonio Julio de Sousa, socio da firma Daun & Bleck, a autoria duma burla que foi praticada por um empregado da casa, Antonio Penedo de Abreu, contra o qual o sr. Antonio Julio de Sousa apresentou queixa na Polícia e que se encontra preso.

Bem fazer

Alberto Rodrigues a quem cortaram as duas pernas apela para as pessoas de coração, a fim de que o ajudem a adquirir um carro de rodas de que tanto necessita. Mora no Beco dos Biguinhos, 2, 1.º E. É uma obra de caridade atender este seu pedido.

O menino D. Francisco de Mascarenhas, de 10 anos, figura minúscula do toureiro português lidarão a cavallo dois garraios com o saber de que já deu provas.

A corrida de domingo vai ficar memoravel pela idade dos seus lidadores pelos grandes conhecimentos que possuem de todos os tercios da lide e especialmente pela forma correcta e artistica como bandarilham.

A pesar do interesse com que era aguardada a apresentação dos três jovens toureiros espanhóis os organizadores deste festival procuraram torna-lo acessível a todas as bolsas. Assim, Sol custará apenas 3, 4 e 5\$00 e a Sombra a 10\$00 e a Sombra-Sol a 7\$50. As crianças até 10 anos, quando acompanhadas, terão entrada gratuita e as de 10 a 15 anos pagarão só meia entrada.

Tiveram a amabilidade, que agradecemos, de vir á nossa redacção apresentar-nos cumprimentos os três jovens toureiros Domingo, Pepe e Miguelito Gonzalez, filhos do antigo matador de touros Domingo Gonzalez (Dominguín).

MARINHA DE GUERRA

Desceu hoje do plano inclinado do novo arsenal do Alfeite a canhoneira «Lagos» que veio fundear no quadro dos navios de guerra. O porta-minas «Vulcano» seguiu para Vila Franca de Xira onde fundeou em frente da Escola de Mecanicos da Armada.

Uma interessante excursão

A Sociedade Propaganda de Portugal realiza no proximo domingo, 25, um passeio a serra do Monte Santo, região pouco conhecida e de surpreendente beleza.

Para o preenchimento dos poucos lugares vagos, consultar a secretaria da Sociedade Propaganda de Portugal, telefone 2 972.

NOVO ENGENHEIRO

Concluiu, com distincção, o curso de engenharia quimico, no Instituto Superior Tecnico, o sr. tenente de artilharia Raul Simões Cabrita.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TEL. 4 7063

CASINO ESTORIL

SABADO, 24 de Julho

ARRAIAL PORTUGUÊS

com a «Grande Orquestra Tipica Portuguesa»

Só musica portuguesa:

Corridinhos — Fandangos — Viras — Desgarradas — Fados — Marchas — Rapsodias — Chulas e Canções sob a regencia do notavel maestro ROCHA PIRES

Solos de Acordéon, Guitarra, Piano, Bandolim e Bandola. — Sera executada toda a riqueza do nosso folclore, desde o Minho ao Algarve, com todas as suas expressões vivas, melodiosas, alegres e sentimentais, em orquestrações originalissimas, até hoje ainda não ouvidas. A Direcção do Casino quiz reservar para os seus Amigos, Clientes e Freqüentadores da Costa do Sol, a primazia da sua 1.ª audição.

Grande Decoração Electrica de Festa Regional

Realização de ANIBAL CONTREIRAS

ORQUESTRA PORTUGAL

TRAJE DE PASSEIO

JANTAR A' PORTUGUESA

Jantar e entrada, 35\$00; Só entrada para o espectáculo, 15\$00. — Só se reservam mesas para o jantar, podendo fazê-lo pelo telefone Estoril 400

SABADO A' TARDE: — A'S 17 HORAS

Chá elegante de Caridade promovido por uma Comissão de Senhoras, presidida pela illustre esposa do Chefe de Estado, a favor dos fundos de Assistência Social do Batalhão n.º 10 da Legião Portuguesa (Cascais) e duma Casa de Caridade de Tuy, dirigida por um grupo de Senhoras portuguesas. Por especial deferencia, toma parte, executando alguns numeros do seu repertorio português a GRANDE ORQUESTRA TIPICA PORTUGUESA.



AERO - PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3713

Partidas

aos domingos, ás 8 e 15

SERVICO ULTRA-RAPIDO

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL, FRANCESA e AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (R. do Arsenal) até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSEAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc. MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.

Informações. Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

A Costa da Caparica moderniza-se



JOAQUIM DE SOUSA

A Praia do Sol, uma das mais importantes do país pela sua extensão e esplendida situação, começa a merecer o carinho das pessoas de grandes empreendimentos, que prevêem um risonho futuro á magnifica praia da Costa da Caparica.

Quem tenha acompanhado a evolução da pequena localidade, que era há uns dez anos uma aldea de pescadores, reconhece sem dificuldade que a Costa da Caparica tem progredido bastante, principalmente nos ultimos anos. As casas terreas vão sendo substituidas por grandes prédios, o comercio moderniza-se, as estradas que lhe servem de acesso são esplendidas e a praia vai tomando categoria correspondente á sua situação privilegiada.

De todos os melhoramentos, alguns dos quais merecem relevo, ha a destacar, especialmente, o que foi inaugurado ontem, com a presença das autoridades do concelho de Almada.

Trata-se de um estabelecimento de características absolutamente modernas, sucursal da bem conhecida e conceituada casa A NUTRITIVA, da rua dos Correios, 243-247, e que se propõe explorar na Praia do Sol o mesmo ramo de comercio da sua sede em Lisboa, e que bastante falta fazia aos veraneantes da Costa da Caparica.

Assim, desde hoje, A NUTRITIVA abriu as suas portas ao publico, pondo á venda todas as especialidades de charcuterie, carnes frias, queijos de todas as qualidades e procedencias, manteigas das melhores, cafés superiores, chás finissimos, bolachas, biscoitos, chocolates e bombons, caramelos, sandwiches, aguas de mesa de todas as marcas, cervejas, laranjadas e tudo, enfim, que se pode exigir dum estabelecimento moderno da especialidade.

A inauguração da sucursal de A NUTRITIVA efectuou-se, como já dissemos, ontem, com a presença das autoridades do concelho.

O sr. administrador do concelho procedeu á sua inauguração, cortando a fita tradicional nas festas desta natureza e na presença do povo da terra.

O proprietario de A NUTRITIVA, sr. Joaquim de Sousa, ofereceu a seguir um magnifico «copo de agua» ás referidas autoridades e convidados, tendo o sr. administrador do concelho e o secretario da Camara posto em destaque a brilhante iniciativa do sr. Joaquim de Sousa, que muito vai valorizar não só a Praia do Sol, como o concelho de Almada.

A pesca do bacalhau

AVEIRO, 22. (Pelo telefone)—Entrou hoje á barra deste porto o vapor de pesca «Santa Joana», que vem procedente dos bancos da Terra Nova e Groenlandia, sob o comando do official de marinha mercante João da Cruz, com um carregamento de 10 mil quintais de peixe, tendo já descarregado cinco mil, nos portos de Leixões.

Dentro de 15 dias o «Santa Joana», que é o segundo vapor empregado na pesca do bacalhau usando o sistema de arrasto, realizará a sua terceira campanha aos mares da Terra Nova.

A's fotografias

Chapas de 18x24 e 24x30 compram-se na administração do Diário de Lisboa — Rua da Rosa, 57-2º

Dr. Tedeschi Neves — Asma

BRONQUITES — Avenida da Liberdade, 73, 2.º, as 15 — Telefone 2 7358.

TERMAS DE SANTA MARTA ERICEIRA

(Águas cloretadas e sulfadas e nitradas) Abertas: 15 de Julho a 10 de Outubro. Tratamento hidromineral e BANHOS QUENTES DE AGUA DO MAR.

Leiam as quintas-feiras o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

A MORTE DO GOVERNADOR CIVIL

ENCALHADO POR CA

O funeral realizou-se esta tarde e constituiu uma imponente manifestação de pesar

(Continuação da 1.ª página)

Perry Vidal, director da Biblioteca da Ajuda, Francisco Peixoto Carvalho e Bourbon (Lindoso), G. de Freitas Brito, architecto Luiz Alexandre da Cunha, architecto Amílcar da Silva Pinto, conde do Bonfim, condessa de Nova Góia, conde e condessa de Penha Garcia, direcção da Obra das Crianças da Freguesia da Lapa, Asilo Nossa Senhora do Carmo, Armand du Chayla, encarregado dos Negocios da França, professor Ruy Palhinha, tenente-coronel Paulo Rego, Antonio Mendes de Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega), Alvaro Gil Fortée Rebelo, Pedro Bordalo Pinheiro, Alfredo Vieira Pinto e João Crisostomo de Sá, engenheiro Henrique Lima Mateus dos Santos, Padre Angelo Semplich, engenheiro Francisco dos Reis Gonçalves, engenheiro Candido Duarte, dr. Barbosa Soeiro, etc.

Pelas 11 e 30 foi rezada missa de corpo presente, pelo sr. conego Anaquim, vigário geral do Patriarcado, tendo assistido o sr. ministro do Interior, representante do Governo, tenente-carvalho Nunes, em representação do sr. Presidente da Republica, general Daniel de Sousa, coronel Pereira Coelho, a officialidade da Escola da Granja e outras pessoas. Depois dos officios funebres seguiu-se a cerimonia da soldagem do caixão de chumbo.

Pelas 11 horas começaram os turnos constituidos por funcionarios do Governo Civil, pessoal clinico do Instituto Clinico da Junta Provincial tendo á frente o respectivo director sr. dr. Rodolfo Xavier da Silva; asilos de Santa Catarina, Patronato de Infancia, e outras instituicoes. O sr. ministro do Comercio fez parte dum turno, bem como o general Canto e Castro, delegações da Escola Aeronautica de Sintra, e variadas instituicoes desportivas e benemerentes.

O Governo resolveu prestar honras de general ao falecido, conforme se encontra estabelecido no moderno Codigo Administrativo. Em virtude disso, conferenciaram os srs. tenente-coronel Lobo da Costa e general Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa.

Pelas 15 horas, encerrou-se a urna, no meio dum impressionante silencio respeitador. Uma hora depois, pouco mais ou menos, a urna era transportada para um «armão» militar, puxado a três parelhas, aos ombros de officiais aviadores, arma que o extinto dignificou com uma vida inteira de trabalho e de dedicacão. O sr. major Pinheiro Correia conduzia as condecorações do falecido, e outro official, a espada.

Apesar da imensidade de povo que aguardava a saida do prestito, pouco demorou a pôr-se em andamento o cortejo funebre. Pelas 16 e 25, uma delegação de bombeiros abriu o cortejo. A urna estava coberta com a bandeira nacional, sendo a guarda de honra prestada por forças de Caçadores 5. Seguiam-se, indistintamente, a pé, varios officiais aviadores, officiais da Policia, associações desportivas e de beneficencia com os seus estandartes, etc.

Depois, começava uma fila interminavel de automoveis, indo á frente o representante do Chefe do Estado, a que se seguiam os representantes e

chefes de gabinete de todos os ministerios, o governador militar de Lisboa, comandante da Policia, representante do Secretariado Nacional, funcionarios do Governo Civil, todo o pessoal do Instituto Clinico da Junta Provincial da Extremadura etc. No prestito via-se ainda uma «lança» da «Legião Portuguesa» e uma deputação de legionarios da «Brigada Naval». Meia hora depois do cortejo se pôr em movimento, ainda os carros e muito povo passavam em frente da sede do Governo Civil.

Os alunos das escolas, por causa do sol escaldante que se fez sentir esta tarde, esperaram a passagem do cortejo funebre, na rua das Pretas, depois do que dispersaram, recolhendo a suas casas. A hora de fecharmos o nosso jornal, encaminhava-se para o Alto de S. João, o funeral daquele que deixa atrás de si uma vida inteira de trabalho, de dedicacão pela Patria, e de amor e sacrificio pelo seu semelhante.

NOTÍCIAS DO BRASIL

A reforma ortografica

RIO DE JANEIRO, 22.—A Camara dos deputados aprovou uma emenda mandando suprimir na Constituição as disposições que determinavam a adoção da ortografia usual.—(Havas).

N. da R.—A actual Constituição brasileira (1934) estabeleceu como ortografia oficial a que já anteriormente havia sido estabelecida pelo texto Constitucional de 1891.

Do telegrama da «Havas», que nos não permite tirar uma conclusão segura, parece depreender-se que as disposições que, nesse sentido, regulavam o assunto acabam de ser suprimidas, devendo ter ficado, portanto, a vigor a letra do acôrdo que sobre a mataria foi celebrado pelas Academias dos dois paises.

NOTÍCIAS DO TOREL

MARIDO BRUTAL—Antonio Pessoa, pai-deiro, residente na rua Gonçalves Crespo, 3, 4.º, direito, applicou uma sova na sua mulher, Francisca Mendes e, no final, puxou por uma pistola para a matar. A mulher refugiou-se em casa duma vizinha. Aos gritos de socorro compareceu um guarda da Policia de Segurança Publica, que prendeu o agressor, o qual deu hoje entrada num dos calabouços do Tórel, onde deve ser interrogado pelo agente Ferreira.

PROESAS DE GATUNOS—Os gatunos entraram, por meio de arrombamento, num estabelecimento da rua do Salitre, 167, pertencente ao sr. João Garcia Nunes Mexias, de onde furtaram um relógio de ouro de grande valor.

UM ROUBO DE FERRO—Ontem appareceu na União de Sucatas com uma camioneta carregada de ferro, e pesando 1,230 quilos, o trabalhador Joaquim Pereira que pretendia vender o referido ferro por baixo preço. O empregado daquela firma, desconfiando do vendedor, chamou uma policia e comunicou-lhe as suas suspeitas.

Como o vendedor tivesse declarado que ele lhe tinha sido dado, foi preso.

O agente Filipe da Silva interrogou o preso que declarou por fim ter furtado o ferro ao seu antigo patrão sr. Eduardo Vilarinho Moreira, dum barracão que ele possui nuns terrenos da Avenida Almirante Reis.

O «Cuyabá» safou-se hoje, ás 14

Pouco antes do salvamento do ba Diário de Lisboa as condições d

PENICHE, 22. (Pelo telefone)—O «Cuyabá» continuava esta manhã na mesma posição em que ficára depois do seu encalhe sobre um rochedo da Grande Berlenga. Numerosos barcos que andavam á volta do paquete brasileiro transportaram para Peniche os fardos de algodão, os sacos de café, as peles, etc., dos porões com agua, e que foram lançados ao mar. Tudo isto será lloado na Alfandega, revertendo dois terços do produto para o Estado, e o restante para as pessoas que entregaram os volumes. Do Portinho de Revéz para a Alfandega, os salvados são conduzidos em carros de bois.

Dirigimo-nos esta manhã ao local do encalhe, utilizando a traineira de pesca «Dilly». O «Cuyabá» lá estava adorado a estibordo, com a proa assente nos rochedos, e a ré livre, tanto assim que se tem mexido devido ao mar, ao trabalho das helices, e ao esforço dos barcos de pesca, ligados ao paquete por cabos. A aproximação da nossa lancha ao costado do navio foi muito difficil, devido á forte vaga. Pedimos ao comandante do «Cuyabá» autorização para subir e fizemo-lo galgando uma escada de corda de bombordo.

O comandante do barco sr. Abilio Raimundo de Oliveira é um homem simpatico, de cara tostada pelo mar, tendo cerca de cinquenta annos.

Estava na ponte do comando, fardado, com o «dolman» aberto e calçando pantufas. Não tem abandonado aquele local desde o momento do encalhe. Recebeu-nos muito amavelmente. Pedimos-lhe que nos contasse as condições em que se deu o sinistro.

Apontando para o sinal sonoro norte da Berlenga, o official brasileiro disse-nos:

—O encalhe foi devido á forte cerração. E a buzina não funcionava. O barco afastou-se da sua rota, devido á forte corrente.

Sem que lhe perguntassemos coisa alguma, afirmou:

—Conservei sempre o meu animo, e conto safar-me no premar desta tarde.

Como inquirissemos da razão por que dispensou os socorros oferecidos, declarou:

—A unica coisa que eu fiz foi não deixar invadir o navio... Quando chegou o sr. capitão do porto de Peniche dei immediatamente ordem para o deixarem entrar, o que ele fez, bem como alguns cabos do mar. Perguntei ao sr. capitão do porto qual a sua opinião. Respondeu-me que seria melhor fazer sair os passageiros, as suas bagagens e o correio.

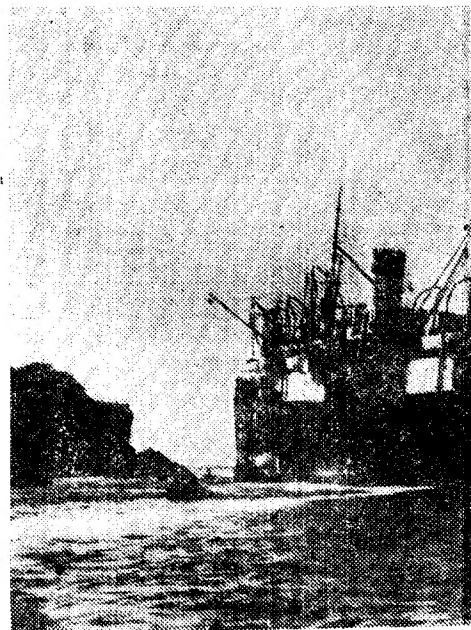
Foi o que se fez.

—A que horas se deu o sinistro?

Fazendo um pequeno esforço de memoria, disse-nos:

—Vou dar a hora certa!

Foi ao seu camarote, e momentos



A posição em que ficou o «Cuyabá» depois de safar-se com os se

depois apparecia novamente na ponte do comando, dizendo:

—A' meia noite e cinquenta!

Esta curta entrevista estava sendo feita aos bocados, porque o comandante do barco constantemente se tinha de deslocar dum lado para o outro, dando ordens e estudando a situação em cada momento, porque as máquinas estavam trabalhando para safar o navio.

O seu nervosismo era evidente. Ao tomar uma chavena de café, a mão tremia-lhe e ele confessou-nos o seu nervoso, como era natural. Chamou um criado e mandou-nos servir bom café do Brasil.

Já familiarizados, perguntamos:

—E' facto que a carga do navio foi lançada ao mar?

—A que se encontrava nos porões 1 e 2 da proa, onde a agua entrou deteriorando-a, foi atirada ao mar por estar inutilizada, para aliviar o navio. A restante, que se encontra nos porões 3, 4, 5 e 6, está completamente intacta. Só a abandonarei fazendo-a descarregar na Berlenga, no caso de não conseguir fazer safar o navio esta tarde.

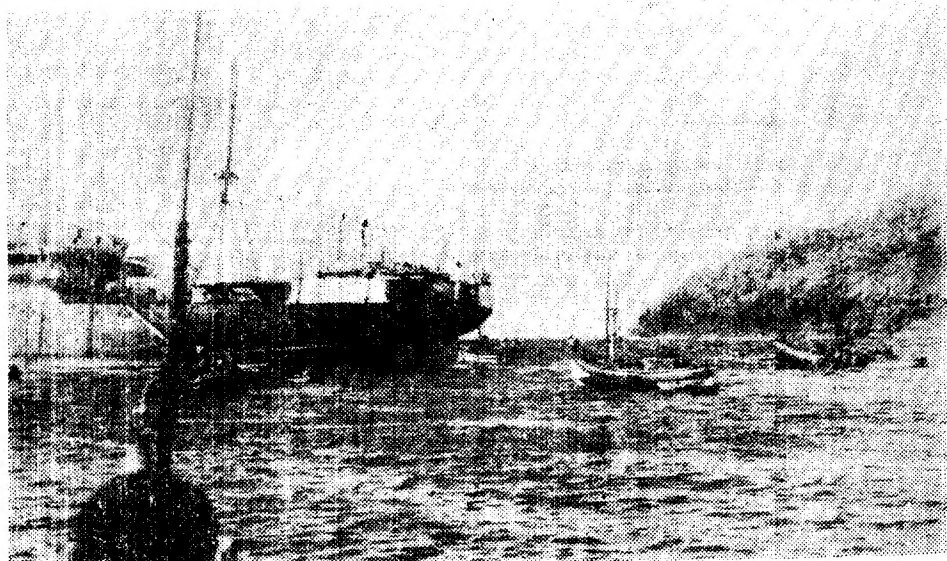
—Na sua vida de marinheiro tem sofrido alguns sinistros?

—Este é o primeiro! Sou marinheiro ha 25 annos, exercendo comando efectivo ha 15.

—Fez muitas viagens neste navio?

—Só três, com a mesma rota e com a visita aos mesmos portos.

—Quais são as avarias que o barco tem?



Em volta do «Cuyabá», encalhado junto da Berlenga Grande, pairam numerosos barcos de pesca

O PUBLICO

sabe escolher. O publico sabe que no verão tambem ha bons filmes: Por isso o publico vai todas as noites ao TIVOLI ver Paul Muni em

O mundo não pára

Barbosa & Costa L. da

Apresentam grandes collecções com as mais recentes novidades, em «PAPEIS PINTADOS», a preços sem competencia.

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

F O R T E X
para a perda de memoria

F O R T E X

para o esgotamento intelectual

Exposição de Mobílias

A Casa de Mobílias da Granja convida as pessoas interessadas na compra de mobílias a visitarem as suas exposições, na calçada do Sacramento, 6 ao Chiado, onde expõe os mais recentes modelos de luxo, que vende directamente ao publico, dentro da maxima economia.

LUSA DO NEVOEIRO

horas, dos rochedos das Berlengas

roco, o seu comandante contou ao
encalhe e o que se passou a bordo



dois do encalhe e de que hoje conseguiu
a próprios recursos

—Apenas um pequeno rombo.

E, logo a seguir:

—Se conseguir safá-lo ainda esta tarde, como espero, irei logo para Lisboa.

E o comandante do «Cuyabá» concluiu as suas investigações, dizendo:

—Espero que o seu jornal ponha tudo a claro, desfazendo qualquer mal entendido. Nestes casos, de resto, há sempre descontentamento.

«Quando horas depois do encalhe clareou o dia, o paquete encontrava-se, como neste momento, rodeado de embarcações. Mas que podiam elas fazer a um barco como este que de resto não estava em perigo? Uma coisa quero também esclarecer: é que nunca houve pânico a bordo e muitos foram os passageiros que só de manhã souberam do encalhe.

Quando abandonávamos o «Cuyabá» e pretendíamos descer a mesma escada por onde havíamos subido, o comandante gritou:

—Não desçam por aí! Vou mandar parar a helice!

Isto equivalia a suspender a manobra para safar o paquete.

Assim se fez, e nós descemos, então, pela escada do portaló. A nossa lancha não se tinha ainda afastado quando a helice recomeçou a trabalhar velozmente, e a água fazendo um forte remoinho quasi voltou o pequeno barco. Ficámos todos encharcados, e alguns feridos, entre eles, o nosso correspondente sr. Carlos Freire de Andra-

de e os marítimos Francisco Pereira e Eleuterio Antonio.

A bordo do «Cuyabá» chegou a haver alarme, mas felizmente nada se passou de grave. Pouco antes de sairmos do paquete, cuja ré, completamente liberta se movia já muito, o primeiro cabo Antonio Neves Ribeiro, encarregado do posto da Guarda Fiscal de Peniche, sem que lhe perguntassemos coisa algum, disse-nos:

—Tenho assistido a muitos encalhes, e em tais circunstancias nunca encontrei a bordo tanta delicadeza e hospitalidade como neste barco.

O cabo de mar Colaço que assistira á entrevista com o comandante do «Cuyabá» confirmou todas as declarações deste, no que respeita ao que se passou depois do encalhe.

Os trabalhos de salvamento

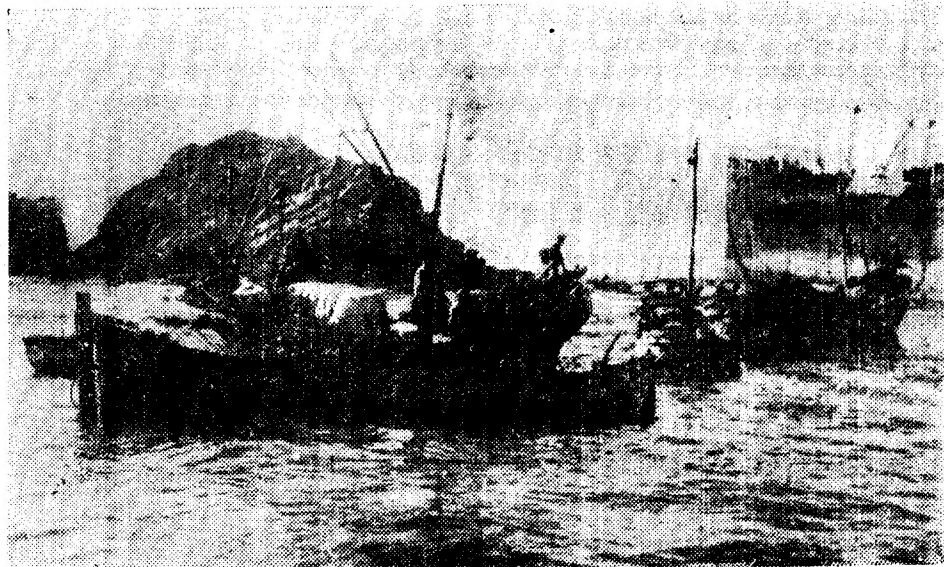
Pelas 9 e 30, o mergulhador sr. Manuel Simões Lila, que desde ontem se encontrava no local realizou a primeira imersão, aproveitando o baixamar. Desceu a uma profundidade de cinco metros com a colaboração da traineira «Senhora da Ajuda». Esteve debaixo de água meia hora. Verificou varias amolgadelas no costado do paquete, tendo uma um metro de comprimento, em sentido horizontal, e outra de igual tamanho em sentido vertical, ambas no porão numero 2. Quando tentava examinar a proa e verificar o que havia no porão numero 1, onde o barco mete agua, a forte ondulação obrigou-o a suspender a sua tarefa, que recomeçou duas horas depois, e durou sessenta minutos, mas teve que interromper novamente os trabalhos porque o estado do mar o impedia de chegar á proa.

O «Cuyabá» safou-se

Mais tarde, á aproximação da preamar, intensificaram-se as manobras para salvar o navio. Enquanto as máquinas do «Cuyabá» trabalhavam para o levar a fazer marcha á ré, os cabos que o ligavam aos vapores «Polo Norte», «Cabo Jubly» e «Santa Terezinha», retezados, puxavam o paquete. A alguma distancia viam-se um rebocador português e um salvadego dinamarquês, cujos serviços não foram necessários.

Cerca das 14 horas, no preamar, um esforço supremo, em conjunto, partiu o dente de pedra, espetado no «Cuyabá», e este safou-se com grande alegria de todos quantos presenciaram a manobra. Os numerosos barcos apitaram em sinal de regosijo, e houve saudações e abraços comovidos a bordo do paquete.

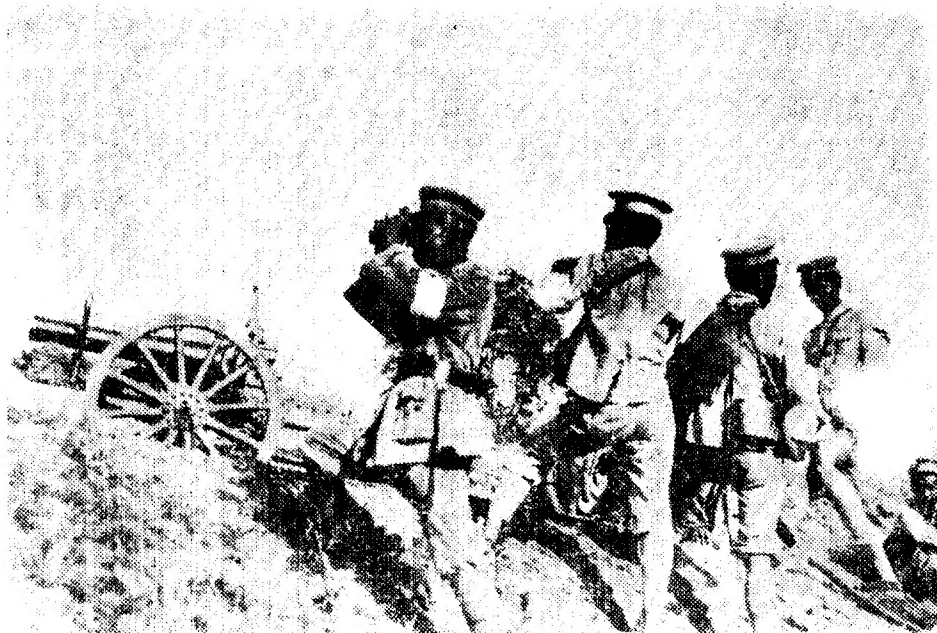
Minutos depois o «Cuyabá» largou os cabos que o ligavam aos barcos portugueses, e ás 14 e 30, já liberto, seguiu para Lisboa, conforme o seu comandante nos anunciara pouco antes a bordo do navio ainda encalhado.



De bordo do navio encalhado já tinham começado a fazer-se alguns salvados a hipotese do navio se perder

O CONFLITO SINO-NIPONICO

Os chineses esperam ser atacados dum momento para o outro



A artilharia chinesa em acção

LONDRES, 22.—De Hong-Kong informam á Reuter: As autoridades chinesas têm a impressão de que os japoneses vão romper as hostilidades por uma ofensiva em frente de Pequim, dum momento para o outro.

Por outro lado anuncia-se que as embaixadas de Inglaterra e Estados Unidos em Pequim preveniram os seus nacionais de que em caso de perigo farão lançar determinados sinais para que recolham imediatamente as chamadas zonas de segurança.—(Havas).

Caminha-se para uma solução?

LONDRES, 22.—De Tien-Tsin informam á Reuter: Os japoneses prenderam o general Tsai-Xu-tung, ex-oficial do exercito chinês, por suspeita de ter participado duma conspiração contra a vida do embaixador nipónico Kawagoi.

Informam, por outro lado, de Pequim, á mesma agencia, que a situação melhorou. As tropas chinesas abandonaram a região de Uong-Ping e as forças japonesas recuaram para posições mais proximas de Gentai.—(Havas).

Tudo vai bem?

CHANGAI, 22.—A calma restabeleceu-se agora um pouco, tanto em Nankim como em Changai e conta-se com um futuro entendimento. Parece que o conflito sino-japonês não terá consequências desfavoráveis para ambas as partes.—(D. N. B.).

Novas diligencias japonesas

PEQUIM, 2.—Ontem á tarde, ás 18 horas (hora local), o adido militar do Japão, Ima, fez mais uma vez representações junto do general Sun-hei-Yuan. Sabe-se que com o consentimento japonês, a 142.ª Divisão do governador de Tcharchar fica estacionada em Pequim.—(D. N. B.).

O governo japonês perante a atitude da China

TOQUIO, 22.—A Domei informa que as individualidades chegadas ao governo japonês declararam que não ha nenhuma razão para que o governo de Nankim, «que no passado reconheceu todos os acordos locais importantes entre o Japão e o Conselho politico de Ho-Pei e Cha-Har», se recuse a aprovar o acôrdo actual, que de modo algum atenta contra a soberania da China e, pelo contrario, tenta a «reajustar» as relações sino-japonesas em bases amigáveis. As mesmas individualidades frizam que o Japão já concluiu com o Conselho politico de Ho-Pei e Cha-Har 10 convenções locais importantes, que o governo de Nankim reconheceu.

Um telegrama de Nankim anuncia que a comissão presidida pelo marechal Chang-Kai-Chek não tomará nenhuma decisão quanto ao acôrdo local que acaba de concluir-se e que convém adoptar uma politica de expectativa.—(Havas).

A China é influenciada pela Russia

PARIS, 22.—O «Matin» põe em destaque a rivalidade entre a Russia Sovietica e o Japão, especialmente no que diz respeito ao plano sovietico de provocar a revolução mundial. O jornal observa que já é tempo da França, Gran-Bretanha e os Estados Unidos arrancarem a China da influencia de Moscovo. No caso dum conflito na Asia, a Europa poderia facilmente ser arrastada para ele. Moscovo realizaria então o objectivo previsto de provocar um caos geral, o governo francês deveria decidir-se a tomar a iniciativa desta medida.—(D. N. B.).

A situação debatida na Camara dos Comuns

LONDRES, 22.—Respondendo a uma interpeação do deputado trabalhista Henderson, Cranborne confirmou que o bombardeamento de Wang-Ping pela artilharia japonesa, «segundo as informações recebidas», se effectuou depois de aviso com antecedencia de duas horas. Considerava-se represalia pela fuzilaria da vesperta, durante a qual foi ferido um official nipónico. Sendo-lhe perguntado se o governo tencionava levantar a questão no Conselho da S. D. N., Cranborne respondeu: «O governo britânico está em contacto permanente com as potencias interessadas, membros ou não da S. D. N. E' o metodo mais util para se chegar á solução do problema nas circunstancias actuais». Falou seguidamente Eden, que deu identica resposta ao deputado liberal Mander declarando: «Não penso que a iniciativa sugerida por Mander seja de natureza a melhorar a situação actual». Eden absteve-se de responder ao deputado comunista Gallacher, que lhe perguntou: «Aconselhará v. ao povo chinês que se una para expulsar os japoneses do seu territorio?».—(Havas).

«O Japão sairá vitorioso» —diz Claude Farrère

PARIS, 22.—Relativamente aos incidentes na China, Claude Farrère escreve no «Petit Journal»: «Ha que ser amigo ou inimigo do Japão. A neutralidade é que não é possível» e acrescenta que «sairá vitorioso não importa a hora, nem o caso, nem o adversario».

O «Populaire», por seu turno, recela o choque e escreve: «Os mesmos metodos, os mesmos interesses e os mesmos fins traduzem a colaboração germano-italo-japonesa numa vasta escala desde Gibraltar a Pequim».—(Havas).

Maus sintomas

LONDRES, 22.—A Companhia de Seguros «Lloyds», devido a ter-se agravado a situação no Extremo-Oriente, aumentou cinco por cento os seguros de mercadorias para toda a China do Norte.—(D. N. B.).

I Exposição Teatral Portuguesa

Centenas de pessoas têm visitado o curioso certame do Palácio Galveias

Tem tido enorme afluência de visitantes a I Exposição Teatral Portuguesa, organizada no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, pela Câmara Municipal de Lisboa. No domingo e ontem, segunda-feira, centenas de pessoas de todas as categorias sociais desfilaram pelas salas do Museu Municipal admirando a valiosíssima coleção de quadros, gravuras, bustos, desenhos, livros, documentos, curiosidades, recordações relativas à arte dramática nacional, desde Gil Vicente aos nossos dias.

O curioso certame encontra-se patente ao público das 12 às 17 horas, e nos dias úteis das 14 às 19. Um bem elaborado roteiro, encontra-se à venda à entrada da Exposição.

Campolide Atlético Clube

Toma hoje posse, pelas 22 horas, a nova direcção do Campolide Atlético Clube, da presidência do sr. Mario Marques, devendo a sua apresentação oficial realizar-se amanhã, em reunião de assembleia geral.

A nova direcção tem a seguinte constituição: Presidente, Mario Marques; vice-presidente, José Ribeiro de Sousa; 1.º secretário, Luiz Fernandes; 2.º secretário, Joaquim Ribeiro dos Santos; tesoureiro, Henrique Barbosa; 1.º vogal, Carlos de Almeida Abrantes; vogal, Antonio Santos de Almeida.

Comerciante ferido

por um mau freguês

TOMAR, 17.—Hoje à meia noite e cinco minutos entrou, no «Café Tomar» sito na rua Serpa Pinto, 44, e 46 desta cidade, Julio Paixão, carregador das camionetas da companhia Viação de Sernache, Lda.. Embriagado, pediu que lhe vendessem vinho, e, como o dono do estabelecimento, sr. Antonio José Martins, não o quisesse atender devido ao seu estado e ainda porque estava conversando com varios amigos, mandou-o embora no que não foi obedecido, pelo que teve de o pôr na rua. O Paixão não gostou puxando por uma navalha, feriu o sr. Martins com um golpe profundo no lado esquerdo, apanhando-lhe os intestinos. Socorrido pelos fregueses que se encontravam ali e pelo sr. dr. Augusto Correia, este medico depois de verificar a gravidade do ferimento, mandou seguir o ferido para o hospital da Misericórdia, sendo logo chamados os medicos srs. drs. José Tamagnini e José Baptista, para procederem à indispensável operação.

O Paixão foi preso pelo sr. capitão Luisi que o entregou á policia, dando entrada na esquadra. E' casado e tem cinco filhos menores. O sr. Martins é natural de Sernache do Bonjardim e está estabelecido nesta cidade há 15 anos onde casou com a sr.ª D. Mavilde Alves Henriques Martins, de quem tem dois filhos menores.

Instituto Superior Tecnico

Os exames de aptidão no Instituto Superior Tecnico, na presente época de julho, e a inspecção medica aos candidatos realizam-se nos dias e horas a seguir designados: Dia 22, ás 9 horas, inspecção medica; dia 23 e seguintes, ás 9 horas, prova de desenho; dia 26, ás 15 horas, 1.ª prova de Ciencias Fisico-Químicas; dia 27, ás 15 horas, 1.ª prova de Ciencias Matematicas; dia 28, ás 15 horas, 2.ª prova de Ciencias Fisico-Químicas; dia 29, ás 15 horas, 2.ª prova de Ciencias Matematicas.

Os candidatos que não declararam ainda qual a época em que pretendem fazer o exame de aptidão têm de o fazer na secretaria do Instituto até ás 16 horas de amanhã.

CARTAZ

TEATROS

Capitolio—A's 20 e 45 e 23—Companhia Conchita Piquer.
Marie Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23—«A Senhora da Atalaia».
Variedades—A's 21 e ás 23—«Riquezas da sua avó».

CINEMAS

Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 15.
Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.
Odeon—As 21 e 15.
Pavilhão Português—A's 21.
Rex—A's 21.
Tivoli—A's 21 e 30.

Contem..



Antigamente a única assistência que se encontrava na estrada era a Estalagem suja e sem conforto. Partia-se à sorte.

Hoje V. Ex.ª pode partir descansado para qualquer parte desde que previamente passe pela nossa Estação de Serviço, para afinarmos e lubrificarmos o seu automóvel.

A grande duração do serviço Vacuum-Mobiloil traz uma economia nas despesas de lubrificação evitando as de reparações.

GARAGE BERNE, L.^{DA}

Avenida de Berne, 125A - 125 - 125B — Edifício próprio
Rua Marquês Sá da Bandeira, 121A - 121 - 121B (L. do Rêgo)
LISBOA — Telefone 43051

V. Ex.ª tem bonitos



dentes saiba conservá-los!

Os dentes são o seu mais belo adorno. Iluminam o seu sorriso e a sua beleza. Saiba conservá-los. Confie-os ao mais científico dos dentífricos: — a Pasta POMPEIA, cuja fórmula é absolutamente perfeita.

Garantida sem ácidos, dá um brilho incomparável ao esmalte, sem o atacar. Faz uma rigorosa asséptica da boca. Existe em três cores: vermelho vivo, vermelho e cor de rosa.

PASTA DENTIFRICA
POMPEIA
L. T. PIVER

Rua Saraiva de Carvalho, 207-B — LISBOA

"DI-Á-MÉ-NE"

"Diâmene", é o expoente maximo em aparelhos de ondulação permanente sem fios.

Acima de toda a concorrência está o nome do seu fabricante, a Casa "Eugene".

Em Portugal, só o cabeleireiro Raimundo tem a honra de o possuir.

Rua dos Fanqueiros, 400, 1.º

(Junto á Rua da Palma)

Telefone 2 4388



STOEWER

40 ANOS DE EXPERIENCIA NA CONSTRUÇÃO AUTOMÓVEL

Chassis constituído por tubo central. — Suspensão independente ás 4 rodas. — Força compensada, pelo seu motor 4 cilindros horizontais — opostos.
— Arrefecimento por turbina de ar. — Direcção suave e positiva de manejo incomparavel.

MAXIMA ESTABILIDADE — LINHAS ELEGANTES
CONSUMO REDUZIDO

REPRESENTANTE:

STAND MODERNO

13-A — RUA ACTOR TABORDA — 13-B

Funerais e Trasladações

Agencia Silva, Rua dos Remedios,
32-Telef. 2 1287 — Suc.al, Rua de
Campolide, 60-A Telef. 4 5803

Serviço Permanente

ESTRANGEIRO

AOS AMADORES

marcas há muitas, mas a KODAK é a
única que satisfaz o amador verdadei-
ramente exigente. Vende-se a presta-
ções de 6\$00, com bonus na Papellaria
Gomes & Rodrigues, Lda. Largo de D.
Estefânia, 17 a 21, LISBOA Telef.
F. B. X. 4 1147.

A catastrophe do "Hindenburg",

Prosseguem as investigações ordenadas
pelo general Goering

BERLIM, 22.—Os meios competen-
tes alemães informam, referindo-se às
causas prováveis da catastrophe do
«Hindenburg», que o inquerito que
está a ser feito pelo general Goering
não se encontra ainda terminado. Este
inquerito compreende, como se sabe,
experiências de laboratório numa esta-
ção eléctrica perto de Munich, no insti-
tuto alemão para experiências aereo-
nauticas de Allershof e nas fabricas
Zeppelin. Será mais tarde publicado
um relatório a este respeito. — (D.
N. B.).

Os tibetanos encontraram

o seu novo soberano espiritual

LONDRES, 22.—De Pequim infor-
mam a «Reuter»: Confirma-se oficial-
mente que se descobriu o novo Dalai
Lama do Tibet, ou seja, o novo sove-
rano espiritual do país. Trata-se do
filho dum rico proprietário rural, da
região de Kokonor, com 2 anos de ida-
de. As suas feições, data e circunstan-
cias de nascimento correspondem,
ponto por ponto, — afirma-se — à de-
scrição feita antes da morte pelo pre-
cedente Dalai Lama. Este, que morreu
em dezembro de 1933, indicara minu-
ciosamente as características do seu
sucessor. — (Havas).



A ponta da lingua revelará
a sua suavidade... a vossa
garganta dirá que eles são
CRAVEN "A"
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta

CARRERAS, LTD. LONDRES
150 anos de reputação, pela sua magnífica qualidade

AGUA VALE DE CAVALOS

a que mais se recomenda e se impõe
pelas suas valiosas análises.

Premiada com medalha de ouro. Rua
de S. Bento, 634 — Telef. 4 8627.

ELIMINE OS PELOS

COM

A LUVA DEPIILATORIA

SENHARIGILO

Processo moderno

Eficácia absoluta

Fazem-se demonstrações

A' venda nas boas casas:

DISTRIBUIDORES:

VIALIS, L. DA

R. Fanqueiros, 62, 1.º, E.

LISBOA

Telex. 29434.

DR. ALBINO PACHECO

Curas pela hormoterapia

R. NOVA DA TRINDADE, 9

Telef. 2 7023

A morte de Marconi

Va. ser radiodifundida uma mensagem
do sabio

ROMA, 22.—Os jornais continuam
publicando longos artigos a respeito do
falecimento de Marconi.

Amanhã, os postos italianos radio-
difundirão uma mensagem postuma
do grande sabio e que este preparara
ha certo tempo. A transmissão far-se-á
logo depois do enterro, em Bolonha.

Esta manhã, assim que as portas de
Santa Maria dos Anjos se abriram,
uma grande multidão começou desfilan-
do perante os restos mortais de
Marconi, velados por um grupo de uni-
versitários fascistas.

Pelo repouso da alma do sabio, em
todos os altares da basilica se disseram
missas. — (Havas).

O caso do submarino alemão

que apareceu diante de Portland

PARIS, 22.—Varios jornais da ma-
nhã, apesar do desmentido oficial bri-
tânico, tentam dar o caracter de sen-
sação á noticia de que um submarino
alemão tinha sido visto ao largo de
Portland-Hill.

O «Jour» fala dum incidente.

A «Action Française» diz que o co-
mandante do submarino teria sido pre-
so, mas posto em liberdade pouco de-
pois, com autorização de continuar a
sua rota.

O «Echo de Paris» pergunta por que
razão este submarino alemão teria an-
dado a «flanar» ao largo de Portland-
Hill. — (D. N. B.).



*Diogenes
esforçou-se, em vão,
por descobrir um
Homem...*

*V. Ex.ª não neces-
sita de grandes pes-
quias para encontrar
o Melhor frigorífico.*



é de todos os frigoríficos
electro-automáticos o de
construção mais perfei-
ta e resistente, o de fun-
cionamento mais seguro
e económico, e o que, a
par duma beleza inexce-
dível de desenho, ofere-
ce maior numero de
vantagens

ASSISTENCIA TECNICA PERMANENTE

MAURICIO

MOBILIARIO E DECORAÇÕES

Distinção e Gosto

Rua Augusta, 240, 1.º

Telef. 2 8229

Dr. Alvaro Campos

Clinica medica, diatermia, on-
das curtas e extra-curtas (fio-
terapia) raios infra-vermelhos,
raios ultra-violetas e ar quente.

Consultorio e residencia:
R. das Picóas, 74, 2.º, Dt. — Telef. 4 7441

A questão religiosa na Yugoslavia

A ratificação da Concordata
com o Vaticano

BELGRADO, 22.—A questão religiosa,
provocada pela discussão parlamentar
do decreto que tende a ratificar a
Concordata com a Santa Sé, toma as-
pectos de certa gravidade. A casa que
o deputado Tudor Tomich, excomun-
gado pela Igreja ortodoxa sérvia, ti-
nha em Lesdodatz foi assaltada e de-
molida por uma multidão de campo-
neses excitados. O alto conselho da
Igreja ortodoxa sérvia autorizou o
Santo Synodo a tomar medidas, segun-
do o artigo 210.º da Constituição da
Igreja, tendentes á excomunhão de to-
dos os membros do Parlamento que
aprovaram a Concordata, assim como
o proprio príncipe Paulo, os outros re-
gentes e o chefe do governo, Stoyadi-
novitch. O litigio é principalmente en-
tre a Igreja ortodoxa sérvia e os ca-
tolicos croatas e eslovenos. — (Ameri-
cana).

CAMPOS & C.ª

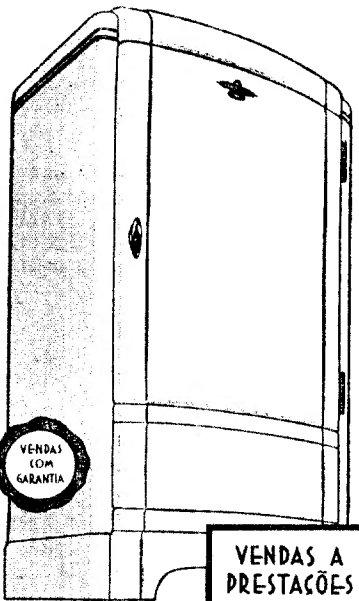
Vila Nova de Gaia

— os melhores —
VINHOS DO PORTO

Distribuidores na provincia

Estab. Jeronimo Martins & Filhos

Lisboa



VISITE
HOJE A
EXPOSIÇÃO

An da Liberdade, 216 = Lisboa

O MOMENTO INTERNACIONAL

A Inglaterra insiste pelo pacto
occidental

LONDRES, 22.—Segundo se noticia
nos circulos politicos, o governo inglês
entregou na sexta-feira passada ao
embaixador von Ribbentrop uma no-
va comunicação a respeito do Pacto do
Oeste, documento esse em que se ex-
põem os esforços desenvolvidos até
agora no sentido de se concluir aquele
instrumento diplomatico. A exposição
abrange os documentos trocados entre
as partes interessadas.

Naquelas esferas interpreta-se a dili-
gencia inglesa como traduzindo a dis-
posição do governo britânico de conti-
nuar as conversações acerca do novo
Locarno. — (Havas)

O Reich está construindo

o maior gasometro do mundo

BERLIM, 22.—O Reich está construín-
do, no Ruhr, o maior gasometro do
mundo, com uma capacidade de 600
mil metros cubicos, tendo de altura
135 metros e de diametro 80. Este gaso-
metro será cilindrico.

Uma torre especial, com escada-as-
censor automatico, permite subir ao alto
do gasometro. O sistema de ar será mu-
ito aperfeiçoado para que não haja peri-
go de explosões. — (Havas).

A volta á França

A equipe belga desistiu

BORDEUS, 22.—Hoje á partida da
XVII tirada da Volta á França o gru-
po belga não se apresentou. Deste gru-
po fazia parte Sylvère Maes, que era
o detentor da camisola amarela. Este
abandono tem por origem o facto dos
comissarios terem infligido ao «leader»
uma pena de 15 segundos de perda do
seu tempo, por ter sido ajudado contra
o regulamento. — (Havas).

Intercambio germano-italiano

FRANCFORT SOBRE O MENO, 22 —
400 vanguardistas italianos chegaram
aqui hoje. Esta viagem está dentro do
quadro do intercambio escolar germa-
no-taliano. — (D. N. B.)

**MASQUE
VINTAN**
20
anos
moços

30' À SOMBRA!!!

O calor deprime-vos?
Sentis a pele flácida?

A MASQUE VINTAN,
vos refrescará e rejuvenes-
cerá em 15 minutos.

O MELHOR REGENERADOR DA EPIDERME.

CONSULTE O VOSSO PERFUMISTA.

É UM PRODUTO DA PARFA
F. A. — ZÜRICH

PORTO

BOCAGE

UM EXCELENTE TÔNICO

HOTEL DA ROCHA
Praia da Rocha
Conforto e bem-estar
Recomendado pelo Auto-
movel Clube de Portugal
Propaganda de Portugal

ULTIMAS NOTICIAS

SATURIO PAIVA
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da boca e dos dentes
Prothese - Orthodontia
R. Santa Justa, 60-2.º
Telef. 24300

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Na luta, encarniçada e sem treguas, que se trava na frente de Madrid observa-se uma cooperação estreita entre a aviação e a infantaria

FRENTE DE MADRID, 22.—Dum enviado especial da «Havas»:

As operações prosseguiram ontem de manhã com a mesma violência de ante-onter. Um novo salto dos nacionalistas em direção de Quijorna permitiu-lhes tomar antes do meio dia duas posições que colocam a estrada do Escorial, numa extensão de cerca de 5 quilómetros, sob a ameaça do fogo de artilharia.

Os republicanos, tornados defensores, evitam chocar-se com os legionários e os regulares. Defendem as posições com um luxo inaudito de material e preferem ceder terreno a lutar como a corpo. Os duelos de artilharia com toda a manobra sem interrupção. Parece que tiveram efeitos secundários comparativamente com os estragos causados pela aviação. Neste campo a supremacia nacionalista afirma-se cada vez mais. Antontem e ontem de manhã tiveram raras vezes o campo livre.

A cooperação estreita e quase constante da infantaria com os aviões tanto de bombardeamento como de caça e de metralhadoras é um dos ensinamentos desta batalha. Em represália os republicanos aumentam a actividade com «tanks». Ontem de manhã meteram nas secções de «tanks» 9 do mesmo modelo dos anteriores. Servem-se deles com habilidade mas a sua acção durante o dia foi fortemente reduzida pelo calor insustentável: os homens não podiam permanecer muito tempo nas valas de aço superaquecidas. Observa-se o aumento de deserções da linha dos vermelhos. Passam regularmente as linhas em dois sentidos naturalmente conservados segredos o que prova que se transmitem as informações. Outro sinal sintomático: desde há dois dias que o comando republicano manda fazer ir pelos ares as pontes e obras de arte entre Las Rozas e o Escorial. Num contra-ataque dos republicanos ante-onter de tarde na junção das estradas da Corunha e Escorial assistiu-se ao seguinte episódio dramático: Eram 17 horas. Fazia um calor aborrazador. Um dos «tanks» republicanos que participavam no ataque encontrou-se imobilizado e isolado na vertente da colina em frente de «Baranita».

As forças de infantaria dos dois campos estavam separadas pela «terra de ninguém» cerca de 1 quilómetro. Tendo esgotado as munições ficou parado, conservou-se em pleno sol meia hora sem ocupantes, que manifestassem a sua presença. Estava no meio de barragem e de incessante fogo de metralhadoras e espingardas. A artilharia parecia ignorá-lo e os nacionalistas pensavam que os ocupantes aguardavam a noite para se salvarem. De repente porém viu-se um homem saltar do «tank» e cair ferido de morte ao cabo de alguns metros. Cinco minutos depois outro miliciano saiu com gestos de desespero e dificilmente deu alguns passos antes de cair prostrado. Dentro do «tank» a temperatura era insuportável e os homens preferiam ir para a morte certa ao ar livre a conservar-se em tal inferno. Calcula-se com efeito que devido ao calor resultante das armas automáticas a temperatura dentro dos «tanks» em pleno sol e ao meio do dia atinge mais de 60 graus.

Os objectivos da ofensiva governamental

TENERIFE, 22.—Radio Club comunica, a respeito das ultimas operações, o seguinte: «A ofensiva republicana na frente de Madrid estava preparada de há muito e assim, concentraram-se milhares de homens no sector escolhido, figurando entre essas forças, principalmente, a coluna Calán, composta, em parte, de carabineiros, 4 brigadas internacionais—Thaelmann, Garibaldi, franco-belga e Lister, 2 bri-

gadas de «campesinos» (camponeses) e 4 unidades compostas de elementos diversos. Vê-se por aqui que a concentração compreendia as melhores tropas de choque do inimigo.

O objectivo da ofensiva era cortar a estrada de Navalcarnero que se dirige para a Estremadura. O desaire foi completo e a ofensiva fez evoluir o combate para a zona de Valdemorillo, Brunete e Villa Nueva del Castillo. O inimigo foi também atacado de flanco, tendo tido perdas enormes. Resistia todavia ainda tenazmente pois conhecia muito bem a importancia da carta que joga.

O avanço nacionalista é lento mas constante empurrando o inimigo que resiste em fortificações construídas à pressa. O ataque alargou-se à zona de Boadilla que o inimigo considera inexpugnável. Em todos os sectores os vermelhos sofreram enormes desaires».—(Havas)

Informações de Madrid

MADRID, 22.—Na Sierra de Cuelgamuros, no sector de Escorial, os nacionalistas efectuaram diversos ataques com tropas do sector de Las Navas del Marqués. Os esforços de Franco foram porém neutralizados pelas tropas republicanas.

Ao norte de Guadalajara os nacionalistas tentaram ocupar as posições republicanas de Almadrones e Navalcarnero de las Monjas. Diversas colunas tentaram movimentos de aproximação, mas os seus esforços foram neutralizados pela artilharia republicana, a qual causou muitos mortos e feridos ao inimigo.

Na frente ao sul do Tejo as tropas nacionalistas, apoladas por artilharia e aviação, atacaram as posições republicanas ao sul do sector de Estremadura. O assalto do inimigo foi contido».—(Havas).

MADRID, 22.—O ministerio do Ar comunicou que a aviação republicana efectuou muitos bombardeamentos, principalmente na aldeia de Villafranca del Castillo e aerodromos de Camoñales, Calona, Villaluenca e Torrijos. Foi abatido um avião de caça inimigo».—(Havas).

Torpedo encontrado

VALENCIA, 22.—Uns pescadores encontraram nas redes em Perello, a 10 quilómetros ao sul de Valencia, um torpedo de fabrico italiano, que não tinha explodido. Parece tratar-se de um dos engenhos lançados contra o navio a motor «Sebastian Elcano», que ha-tempos foi objecto duma agressão da

parte dum navio que, aliás, não conseguiu afundá-lo».—(Havas).

A actividade do partido socialista

VALENCIA, 22.—O Conselho nacional do partido Socialista terminou os seus trabalhos. Entre as conclusões aprovadas, figura o reforço da politica da Frente Popular.

O Conselho examinou a importantissima questão da sua fusão com o partido Comunista e aprovou o seguinte plano:

1) Propor que se eleve de 2 a 4 o numero de delegados dos dois partidos no seio do Comité nacional e Comité de ligação;

2) Aplicar sanções disciplinares aos agrupamentos das federações locais que se recusem sem motivo justificado a participar nos trabalhos dos Comités de ligação;

3) Recomendar ao Comité de ligação a realização duma acção comum inspirada pelas necessidades de guerra, formuladas nas propostas do partido Comunista, sempre que coincidam com as decisões dos partidos;

4) Encarregar finalmente o Comité nacional de elaborar o projecto de unificação a fim de o submeter no momento oportuno á aprovação de cada um dos partidos».—(Havas).

Franco negocia um empréstimo

PARIS, 22.—Nalguns meios espanhóis assegura-se que continuam em Paris os delegados financeiros de Franco, Luiz Monteverde e Alfonso Aguilar, os quais prosseguem nas suas diligencias para obter creditos no total de 3 biliões de pesetas. Ao que parece, os representantes de Franco avistaram-se nestes ultimos dias com os directores da sucursal dum banco norte-americano em Paris».—(Havas)

As palestras de Queipo de Llano

SEVILHA, 22.—Informa-se que todas as palestras feitas pelo general Queipo de Llano ao microfone, desde o inicio da revolução, serão editadas em livro, a sair do prelo brevemente».—(Havas)

O projecto de fiscalização

LONDRES, 22.—Anuncia-se que a sub-comissão tecnica encarregada da redacção do projecto de fiscalização dos portos espanhóis por observadores estrangeiros se reunirá amanhã, ás 11 horas, no «Foreign Office».—(Havas)

Na iminencia do malôgro do plano inglês?

LONDRES, 22.—Os jornais mostram-se severos para os italianos, a quem censuram vivamente pela sua attitude intransigente no «Comité» de não-intervenção, assim como para os alemães, a quem se acusa de não terem

mães e portugueses. No seu conjunto a nota é pessimista. O «Daily Telegraph» diz que é preciso encontrar sem demora uma plataforma se se quiser evitar o fracasso do plano inglês. Observa, por outro lado, com satisfação que a Alemanha e Portugal parecem apoiar contrafeitas a Italia. Segundo um redactor do «Daily Mail» Grandi durante a entrevista com Eden significou-lhe que a Italia estaria disposta a colaborar na retirada dos voluntarios desde que fôsem reconhecidos os direitos de beligerantes ás duas partes. No seu editorial o mesmo jornal insiste vivamente na necessidade de se reconhecer o governo de Franco, afirmando que isso já se devia ter feito ha muito tempo. «A espada decide»—afirma o «Daily Express».—(Havas).

Eden fez uma observação significativa à Italia?

LONDRES, 22.—O «Daily Mail» escreve que Eden teria declarado ao embaixador de Italia que era necessario chegar a uma solução positiva da não-intervenção antes do encerramento da sessão parlamentar.

O «Daily Express» faz observar que a Gran Bretanha deveria renunciar a loucura e não intervir nos assuntos de Espanha em nome da não-intervenção. «News Chronicle» pede de novo que a Gran Bretanha reconheça aos vermelhos o direito de comprar armas onde lhes apetece».—(D. N. B.).

O governo inglês não entra, por enquanto, em férias

PARIS, 22.—Com respeito aos recentes debates no Comité de Londres, Pertinax escreve no «Echo de Paris»: «A retirada dos voluntarios é para a França e a Inglaterra de interesse vital, visto que implica a libertação das suas linhas de comunicações através do Mediterraneo. Para a França a mobilização do exercito francês está afectada pela terrível hipotese».

Em «L'Oeuvre», madame Tabouls, falando da actividade de Franco na zona espanhola de Marrocos, a qual inquieta Londres, diz: «Foi isto, provavelmente, que levou Chamberlain a pedir aos ministros que não entrassem em férias».—(Havas).

LONDRES, 22.—Segundo o «Times», o presidente do Conselho, Chamberlain, quando da habitual sessão semanal do gabinete, exprimiu o seu pasmo por ter lido nos jornais que ele tinha pedido aos ministros que não deixassem a Inglaterra durante as suas férias. Chamberlain declarou que não havia razão alguma para inquietações e que os ministros eram livres para irem passar as suas férias onde quisessem».—(D. N. B.).

LONDRES, 22.—A respeito dos boatos que os ministros receberam instruções para não se ausentarem de Inglaterra durante as férias, a «Havas» pode informar que esses boatos não têm fundamento. Assim, por exemplo, Halls-ham irá á America do Sul e Elliot visitará o Canadá».—(Havas)

RETIRO DA SEVERA

Hoje ás 21 horas—Noite da moda
Ercilia Costa, Maria do Carmo
Torres, Carmen Santos, Xavier
Pinto (Fouxinol do Minho) e José
Pereira.

Retiro da Severa (Cine-Rex)

Rua da Palma
Arminda Vidal, Raquel de Sousa,
José Porfirio e José Tovar.
ENTRADA FRANCA

ANTIGO SOLAR DA ALEGRIA Praça da Alegria, 56

HOJE: Rosa Maria, Lucilia do Carmo, Francisco dos Santos, Domingos Silva e Filipe Pinto.
Reparação dos guitarristas privativos Fernando Freitas e Armando Machado, que tanto exito obtiveram na Exposição de Paris.

PASSEIOS NOCTURNOS A' BARRA

com escala pela Trafaria, no
«NORTE EXPRESSO»
Todos os dias partidas do T. Paço ás 21,45
Ida e volta 5\$00
às 5 horas chá

PATISSERIE VERSAILLES

FUJA DO CALOR!...

Vá passar o verão no **Palace Hotel do Bussaco**, gosando as delicias da deslumbrante Floresta, ou no **Palace Hotel da Curja**, refrescando-se na sua grandiosa **Piscina-Praia**.
Informações: ROSSIO, 108, 2.º
Telefone 2 7450

Marca
sem
confronto

HALCÁ

Tapeles
Carpetes
Passadeiras

Hotel Miramar

MONTE ESTORIL

Hotel Costa. Cintra

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Vi colocados os cartazes que anunciam o novo filme português «Maria Papoila».

Pelo que eu sei, trata-se de um trabalho de letras e de arte, no cinema, em que o seu autor, Leitão de Barros, pela primeira vez desenvolve um tema fora dos moldes históricos ou arrancados às crónicas e à literatura, antes compondo e fazendo compor directamente ao ar livre e nos estudos uma comédia original, de actualidade, fazendo inserir nos costumes regionais da Beira, populares de Lisboa moderna, e revestida a um tempo de pitoresco, sentimento, alegria, humorismo sadio.

Isto, porém, é uma repetição das notícias já vindas a público. O que interessa aqui focar é que Leitão de Barros procurou um assunto inédito e—porque não dizê-lo?—atrevido na sua simplicidade, e contingente na factura, pelo absurdo convencionalismo em que nós ainda vivemos.

Porque não ha de essa modesta e ridicularizada figura da criada de servir, de origem provinciana, ser utilizada sem absurdo caricatural em entreccho capitular de romance, novela, teatro ou cinema?

E assim o realizador da «Severa», das «Pupilas», do «Bocage» encontrou a sua «Maria Papoila». Modelou-a como boneca e como mulher, deu-lhe uma pintura ligeira exterior, uma forma plástica e, ao cabo, uma alma.

Não fez a «sopeira» vulgar nem uma «sopeira» estilizada. Não fantasiou; arrancou à realidade, com sua visão de artista observador da vida. «Maria Papoila» é assim—um achado, até no título.

E para tal—porque o assunto não se compadece com divagações de montagem e de opulento decor—Leitão de Barros, com os seus colaboradores, fez a novela-entreccho, cem por cem cinema moderno, vivo, palpitante, humorístico e dramático, sério como realização, ligeiro como espectáculo.

Triunfará? Tanto como eu posso saber—creio que sim. Porque tem arte, tem espírito popular; tem quadros de beleza, pitoresco, movimento e—prende o espectador, agarra-o à novela, liga-o à figura principal.

O que me cumpre dizer nesta nota—e só por isto a escrevi—é que «Maria Papoila» é um exemplo para os novelistas, homens de cinema e de teatro.

Assuntos novos—pois não ha á superfície da vida nada ridículo para um pincel experimentado. Temas inéditos e acessíveis; processos renovados desprezando até onde é possível a trivialidade charra e o originalismo fantasioso.

Vença ou não—a tentativa do autor-realizador é para destacar-se, como um exemplo. «Maria Papoila», filme de espectáculo, é uma comédia novelesca com humanidade.

Embora eu a tivesse visto correr ainda «por ligar», em ante-projecto—aprendi o suficiente, através duma interpretação de Mirita Casimiro, uma revelação, mas também um prodígio de equilíbrio.

* * *

Levantou-se ha dias um ligeiro incidente, sem consequências, en-

tre os srs. Albino Lapa e Mouton Osorio, de um lado, e o sr. Rocha Martins, do outro, a proposito de um estudo historico sobre Seguros em Portugal, e que este ultimo escritor está publicando no «Arquivo Nacional».

Em síntese é assim: os dois primeiros observaram que estão desdê ha muito escrevendo um trabalho de folego—subtendendo-se, sem esforço—sobre aquela curiosa materia, e declararam não ser de sua colaboração o citado trabalho de Rocha Martins. E este replicou, na tradução livre:

—Que tenho eu com isso?

Tem razão o sr. Rocha Martins. Estava servido um escritor se tivesse que andar a consultar toda a gente letrada ou dada a investigações quando lança mão de um assunto e com honestidade o trata, antes, ou depois de outro qualquer escritor, ou simultaneamente.

O reparo tem razão de ser quando se sabe de ciencia certa, que um trabalho que estamos preparando vai ser atropelado por outro trabalho identico, improvisado ou não, com o objectivo nitido de prejudicar o primeiro. Não foi o caso, nem podia ser; Rocha Martins está acima de qualquer suspeita.

O ilustre escritor e investigador infatigável que é Rocha Martins respondeu secamente, com uma ponta de ironia, mais do que azedume, á declaração de Albino Lapa e Mouton Osorio.

Não teve razão para isso Rocha Martins. Estes dois distintos publicistas fizeram bem em pôr a questão como a puseram, não para obterem direitos de prioridade—o que seria ridículo—mas para que mais tarde quando a sua obra vier a publico, não se possa dizer que copiaram a idéa do director do «Arquivo Nacional».

Rocha Martins agastou-se, e Albino Lapa e Mouton Osorio aborreceram-se; o primeiro por se supôr atingido num remoque que certamente não estava no proposito dos segundos, e estes por verem que andou uma cadeia adiante da sua, o que é sempre desagradavel. E mais nada.

Aí está a questão simplificada e em pratos limpos.

Mas que tem o Norberto de Araujo com isto tudo para se dar o direito de ditar uma sentença?

Esta pergunta não a fazem aqueles três amigos porque sabem muito bem que os assuntos literarios tornados publicos—ficam sujeitos á livre apreciação, tanto faz numa roda de «café» como num artigo de jornal. E ai dos assuntos literarios que perdem direito a um breve comentario.

Mas a outra qualquer pessoa que interpusse a interogação eu diria que ha casos que tocam a todos, que são comuns, e a sua solução pode estabelecer doutrina como os assuntos do Supremo. E o Supremo é o publico entendido.

Qualquer homem de letras, até um artista, está sujeito a dedicar-se a uma obra que outro já traz em mente, e aparecer primeiro com ela no mercado—sem ter praticado assim o mais pequeno deslize de camaradagem ou de probidade literaria.

Como outro qualquer homem de

letras está também sujeito a vêr, de repente, no teatro ou na montanha da livraria uma obra de assunto identico áquela que ele já estava tratando, sem lhe ficar outro direito que não seja o de—aborrecer-se.

Quando ha meses passou por mim um caso identico (que não saiu dos limites de correspondencia particular) eu pude responder, agradecido á delicada advertencia:

—Não faz mal. Os assuntos chegam para todos. E este bem o merece.

A prioridade transferiu-se para o meu camarada—e eu encantado da vida e da obra.

Rocha Martins respondeu agora a mesma coisa—mas por outras palavras, e até porque a prioridade foi sua.

De modo que o «assento» é este:

—Não ha assuntos privativos de quem quer que seja. As idéas podem ser simultaneas. A historia é campo aberto.

E nem poderia deixar de ser assim, sabido como é que ha épocas, momentos, ambientes de oportunidade, onde cabem todos os estudos honestos á vontade, por todos serem precisos.

Na poesia, na critica, no teatro, no romance, na cronica, no ensaio, na arte, em toda a vida intelectual e criadora.

Eu bem sei, e todos bem sabemos, que ha pessoas que só têm as idéas que os outros deixam cair. Mas destes não curamos aqui, por estarem fora de causa, e não merecerem dez reis de atenção.

* * *

Tenho uma vaga idéa de que já conversei sobre este assunto.

Nalguns bairros antigos de Lisboa, com seu tipo caracteristico e caracter urbano definido, tem sido construido um ou outro predio modernista, destes da rasgada arquitectura civil da traça da moda. Nada mais deslocado.

O bairro não ganha com isso, as ruas não se valorizam esteticamente, e os predios deste feitio ficam feitos, impertinentes, insignificantes.

Um predio, como os dos novos bairros dos terrenos em redor do Parque e das Avenidas Novas, de bom desenho e de um sentido urbanista claro, coerente, correcto, trasplantado para o Bairro Alto, para a Lapa velha, para a Alfama—é um aleijão.

Arquitectos, obedecendo certamente a instruções dos proprietarios, imaginam, ou tornam-se responsaveis pela imaginação que é a fachada que faz o predio moderno.

Pois não é: é o seu interior, a hygiene defendida, a sanidade acatada, a boa distribuição, o apeachment, a escolha de materiais, a comodidade, a applicação das novas teorias architectonicas praticas, de que em Portugal durante tantos anos se descurou. Num predio novo—eis o que não deve falhar.

A fachada adapta-se ao bairro. Suponhamos num qualquer Bairro Azul um edificio de moradia construido agora sob os modelos do século XVIII pobre, ou do se-

ARTE
E
ESPIRITO

culo passado burguês, de uma pelintrice classica de linhas, sem desafogo nem caracter. Seria ali um remendo de tecido novo.

A inversa n') de d'xar de ser tida em conta. E até por esta razão fundamental: é que as fachadas de balcão largo, redondo, ou de linhas rectas, fias: as obedecendo a um pensamento de conjunto destinam-se, e exercem bem a sua missão em arterias desafogadas, onde tudo obedece a um plano (não de «uniforme», evidentemente) mas estudado a rigor, por artistas q e não se limitam a copiar. Ora um predio destes, e com tal aspecto, numa rua-zinha de quatro metros—rão tem razão de ser, nem se compreende a sua «formosura».

Lisboa não pode ser já a velha Mouraria, ou Bairro Alto, ou Alcantara. O urbanismo tem exigencias de estetica e de conforto. As «duas Lisboas» distintas a que me referi ha três anos no meu trabalho «Lisboa tem um sentimento».

A Lisboa pombalina, com o lapso incerto do século XIX, cedeu lugar a uma outra Lisboa, que alarga, e vai criando o seu tipo modernista e racional, muito proprio, muito necessario.

Mas não vamos agora arrancar ás novas arterias desses bairros com três ou quatro anos, dentro do meridiano architectonico europeu, um predio de sentido moderno e espetar com ele na Rua de S. Pedro Martir, na Rua do Melão á Lapa, na Rua das Madres ou na Rua da Regueira, mesmo salvando-lhe as proporções.

Defendo aqui neste lugar, em meia duzia de linhas, que mais não são precisas se me quiserem ouvir, a libertação do Parque Eduardo VII.

Dezenas, centenas de pessoas pensam assim: o Parque municipal deve ser livre.

Uma ou outra vez, em ocasiões de grandes festejos, em momentos de excepcional justificação (e acontece isso de resto em parte da Avenida da Liberdade)—compreende-se que a entrada no Parque seja paga.

Por mais de meia duzia de horas, por mais de um dia, o maximo dois, não se entende, dêem-lhe as voltas que derem.

Fazer pagar a entrada no Parque Eduardo VII não está certo. No Palacio das Exposições compreende-se muito bem, embora em certos casos um pensamento de propaganda o aconselhe.

No Parque—não.

NORBERTO DE ARAUJO

CASINO ESTORIL

AOS SABADOS: Jantar á Americana Preço: Esc. 20\$00

AOS DOMINGOS: Jantar dançante Preço Esc. 12\$00

Orquestra Portugal

Todos os dias: Dança, chá-dançante e á noite Baile e Cinema.

Bilhetes especiais, Lisboa-Estoril e volta em 2.ª classe, com direito a transporte da Estação ao Casino, entrada no Casino e um vale de Esc. 2\$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino. A venda todos os dias nas bilheteiras do Cais do Sodre á Esc. 12\$50.

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais. Carros especiais para mobilias.

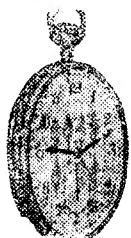
Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 1854

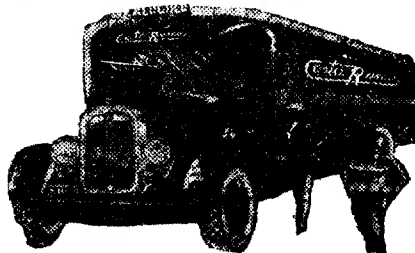
Telef. 2 7200



LONGINES

Sempre na vanguarda das boas marcas

10 GRANDS PRIX



Novo tratamento pela fito-terápica da "Diabetes"

Num recente congresso medico em Montpellier, um conhecido professor, referindo-se ás «últimas descobertas» da Botanica Medicinal, no que respeita ao tratamento da Diabetes, exprimiu-se assim: «É imperdoável actualmente ficar-se Diabético».

Por outro lado, o Doutor Aribert de Jax, da Faculdade de Paris, escreve:

«Para curar a Diabetes, não existe na ciencia moderna processo mais certo e eficaz que as curas fito-terapicas (tratamento pelas plantas).

Se o diabetico se trata com cuidado, pode evitar as graves complicações que o ameaçam: perturbações cardio-vasculares, nevralgias, perturbações da vista, perturbações troficas, gangrena, coma, etc...; deve-se evitar os medicamentos toxicos ou causticos, mal suportados pelo fígado já doente, e adoptar a unica terapeutica conforme as indicações da ciencia moderna: A FITOTERAPIA OU MEDICAÇÃO PELAS PLANTAS, que elimina o perigo das reacções bruscas e perigosas do organismo atacado.

Aconselhamos um tratamento completo do chá GLYSANE, composto de 15 plantas naturais reconhecidas por eminentes especialistas como a medicação mais eficaz para lutar contra as causas de diabetes e curá-la.»

DR. ARIBERT DE JAX

Esta excelente preparação dos Laboratorios Botaniques Glysane, de Paris, custa sómente Esc. 2500, sem mais despesas pelo correio. Junta-se a cada caixa um estudo sobre o tratamento da Diabetes pelas plantas, e o «regimen» sem emagrecimento.

Pedidos ao Depositario: A. Travassos, R. D. Estefania, 3, 2.º, Esq. (Secção C), Lisboa. Telef. 5 0520.

Agrada sempre...



Uma cara tratada

Da qualidade e cor do rouge que usar dependerá em grande parte a beleza do seu rosto. Os melhores rouges que existem são os da grande marca francesa

forvil

Agente exclusivo:

F. LUZ e SILVA

MAVAG Rua da Madalena, 66-1.º LISBOA

Baratas

Só morrem usando

Moon-Tiger

Pulgas

Não resistem ao

Moon-Tiger

desconto aos revendedores

Sociedade Nacional de Mercaderias, L. da
Rua dos Fanqueiros, 46

Percevejos

São fulminados empregando

Moon-Tiger

Moscas

Mosquitos

Moon-Tiger

Extermina por completo

Use o intalivet

Moon-Tiger

T. S. F. T. S. F.

PODE SER VOSSO POR

ESC. 12\$50

ULTRADYNE 1937

em prestações semanais
com prémios pela lotaria
entrega imediata

Camoc. Rua dos Fanqueiros, 150, 2.º
Exposição: Rua do Mundo, 100, 1.º

Como é bom um bôlo!

Os médicos dir-lhe-ão também que um bôlo contendo ovos, leite, manteiga, açúcar e farinha em proporções normais, é são e nutritivo, pois fornece 2 vezes mais calorias que o seu peso em carne, 3 vezes mais que o seu peso em batatas e 4 vezes mais que o seu peso em bacalhau. Ora se um bôlo comprado numa pastelaria não está ao alcance de todas as bolsas.

OS BÓLOS FEITOS EM CASA NÃO SÃO UM LUXO, MAS SIM UM ALIMENTO DA MAIS ALTA QUALIDADE, GRAÇAS AO

FERMENTO EM PÓ Nacional

produto de fabricação nacional, mais activo que todo e qualquer outro fermento estrangeiro, cómodo de usar e vendido em toda a parte, que permite a todas as donas de casa fazer com perfeição, facilmente e com pouca despesa, bôlos leves, deliciosos e saos. Experimente quanto antes o Fermento em pó NACIONAL verá que agora, fazer doçaria é, para uma dona de casa um verdadeiro prazer.

COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLÓNIAS
Rua Jardim do Tabaco, 74
LISBOA

CUPÃO

Desejo receber uma amostra e o livro de receitas Nacional

Nome

Rua

Cidade

HAVAS

Enner, L. da, Sucessor

Transportes por camionagem

domicilio a domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores empresas do País.

PORTO LISBOA

Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa) Rua Gilberto Rôa, 4 (a Alcântara)

Telefone 6102 Telefone 2 4791

PENSÃO FRANCESA

R. Mouzinho da Silveira, 34 — Telef. 5 0113

A melhor e mais confortavel de Lisboa recomendada a familias pelo seu socego, tratamento e selecção.

CURIA

Estancia dos artriticos

Accção energica, estimulante e depurativa sobre o rim, fígado e nutrição geral.

Aberta de 1 de Junho a 15 de Outubro

A frequência dos cafés e as exigências dos gerentes

Éis uma carta que versa um assunto de interesse publico:

«Sr. Director.—Por vezes, vêem-se nos cafés considerados de 1.ª ordem, estrangeiros sem casaco, sem gravata e até sem camisa, apenas com camisola. Os gerentes dessas casas acham isso natural, mas se um nacional nestas taças de calor sufocante se permite tirar o casaco, vão logo com a rapidez do milhafre intimar mais ou menos delicadamente ao português que vista o casquinho enquanto o estrangeiro pode continuar a frequentar esses cafés com a indumentaria que entende sem que os tais gerentes tão zelosos da boa reputação das suas casas se preocupem com ele. E não se diga que nós lá fora podemos fazer o mesmo, porque nem nos estabelecimentos nem nas ruas isso nos é permitido.

Também nesses cafés não é permitida a entrada aos nossos soldados e marinheiros, mas permite-se a entrada de marinheiros estrangeiros. Na nossa própria casa seremos menos do que os de fora? Se é tão desprezível ser soldado, bem andam os que fogem á vida militar para, depois de fardados, não serem olhados com desdém pelos gerentes dos cafés de primeira e outros tão inteligentes como eles. Se ha militares que se não sabem portar convenientemente, não é só com portugueses que isso acontece. Além disso, tanto militares como paisanos, muitos deles não frequentam os cafés de categoria porque não se sentiriam bem num ambiente que lhes não é proprio. E os que lá entram e se não souberem comportar convenientemente seriam convidados a sair, fossem nacionais fossem estrangeiros.

Nuns tempos em que se pretende levantar o brio da raça não são proprias estas excepções só em favor de estranhos.

Ou todos tiram os casacos, ou não os tiram ninguém. Ou entram marinheiros e soldados portugueses ou não entram estrangeiros.

Ha dias vimos num café dos tais de primeira, intimar um português bem vestido a meter na algibeira o seu boné enquanto noutra mesa estava um estrangeiro de boina vasca!

Não acha V. que eu tenho razão e que esses gerentes e que tais merecem algumas palavras a este respeito? Ao menos, ensiná-los a ser portugueses. — O. A. L.

Café-Restaurant TAVARES

LANCHES para casamentos e banquetes para fora. Grandes e pequenas salas reservadas no 1.º andar.

Todos os dias Lagosta á Americana.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Olivã, D. Maria Candida de Bourbon de Abreu Freire, D. Ema Schefer Fassio, D. Maria Antonia de Lancastre Miranda Corrêa, D. Maria Helena Saldanha da Gama de Cabedo (Zmbujal), D. Isabel de Sousa Coutinho, e D. Delfina Baptista.

—Faz hoje anos a sr.ª dr.ª D. Tereza Marques de Oliveira.

MINISTROS

Encontra-se passando algum tempo no Palácio Hotel do Estoril, acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Camilla Schroeter Viana Carneiro Pacheco, o sr. dr. Carneiro Pacheco, illustre ministro da Educação Nacional.

A CARIDADE

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.ª D. Maria do Carmo Fragoço Carmona, esposa do illustre Chefe do Estado sr. general Antonio Oscar Fragoço Carmona, realiza-se na tarde de sabado, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, um «chá dansante» de caridade, cujo produto se destina a favor do fundo de Assistencia Social do 10.º batalhão da «Legião Portuguesa».

Cascais, e de uma casa de caridade em Tui, dirigida por um grupo de senhoras portuguesas. Durante esta festa far-se-á a apresentação da Orquestra Tipica Portuguesa, dirigida pelo maestro Rocha Pires, que á noite se exhibirá na primeira festa da temporada de verão do Casino Estoril, intitulada «Arraial Português», sendo o baile abrilhantado pela orquestra Portugal, privativa do Casino.

Os bilhetes de entrada para esta elegante festa de caridade, devem ser requisitados pelo telefone 85 Parede.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril Tanto de tarde, á hora do «chá dansante» como á noite ao «jantar concerto» seguido de baile, foi o salão do Casino Estoril, um elegante ponto de reunião, recordando-nos ter ali visto entre outras as sr.ªs:

Viscondessa de Tojal, senhora de D. Carlos Gurmendes, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Virginia Elsa de Abreu Franco, D. Febronia de Abreu Saraiva, D. Ida Burnay de Guimarães Serodio, D. Maria do Pilar Sotto Mayor Pinto Basto, D. Eugénia Barbosa de Guimarães Serodio e filha, D. Isabel Maria Ribeiro da Costa Barbosa e filha, D. Alice Caro Sousa Melo e filha, D. Palmira da Costa e Silva, D. Suzana de Castro e filha, D. Ida Xavier de Brito Barata e filha, D. Horninda Pereira Cardoso e filha, D. Elza de Abreu Franco Sotto Mayor e filha, D. Julia Rino, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Maria Cristina Rino Frois Pinto da Silva, D. Emilia Aranha Gonçalves, D. Eliza Santos, D. Ida dos Santos David e filhas, senhora de Calaniz, D. Mariana da Camara Pinto Coelho, D. Tereza da Camara de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria Helena Nobre Andersen da Costa, D. Margarida Queriol Macieira, D. Lia Flora de Meneses Moreira e filha, D. Maria Noemia Correia da Silva Ataide Tavares, D. Roxane de Serpa Pinto de Lancastre Freitas, D. Maria Julieta da Costa e Silva, D. Beatriz Consiglieri Pedroso de Pina, senhora de Pepe Cardoso, D. Maria Manuela de Almeida de Orey Roquete, senhora do Moreira, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, senhora de Cambon, D. Marcela Auziello, D. Natalia Zagury Contreiras, D. Maria Amelia de Melo Arriaga Tavares, D. Isabel Braamcamp Freire (Almeida) e D. Maria de Almeida de Orey, etc.

Na noite de sabado, realiza-se a inauguração da temporada de verão, com uma sensacional festa intitulada «Arraial Português» com a colaboração da «Orquestra Tipica Portuguesa» que se fará ouvir exclusivamente em numeros de musica portuguesa, composta de 19 executantes, sob a direcção do maestro Rocha Pires, havendo também solos de «acordeon» por D. Eni-ta Correia, de guitarra por Julio Silva, de piano por D. Ofélia Freire, de bandolim por Freitas da Silva e de bandola, por Analide Ferreira, apresentando o salão do restaurante uma vistosa ornamentação. Haverá também jantar á portuguesa, sendo o traço de passio.

A noite de sabado no Casino Estoril, a primeira deste verão vai decerto marcar pela animação e elegancia.

DOENTES

No Pavilhão da Família Militar do Hospital da Estrela foi operada com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Manuel de Vasconcellos, a menina Fernanda Quinhones de Magalhães.

No Hospital de Jesus foi operado com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Saccadura Botte o sr. Fernando José da Silva.

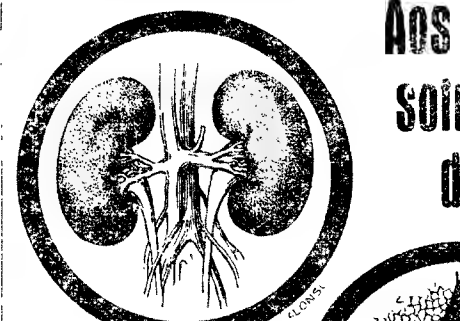
Pelos sr.ªs dr.ªs D. Pedro da Cunha e Bastos Gonçalves foi operada a Ex.ª Sr.ª D. Maria Helena Moraes Barbosa. Mãe e filho estão bem.

Pelo dr. João Valente foi operado com muito exito, no Pavilhão da Família Militar, hospital da Estrela, o menino Ricardo José Fragoço de Melo Cabrita.

Biscoito Parisiense

Para doentes e saudáveis. A venda nas boas leitarias e mercearias. Pacote, 1\$20.

A Mariazinha não é uma bebida insipida nem amarga. Todos aqueles que de ha



Rins

e querem

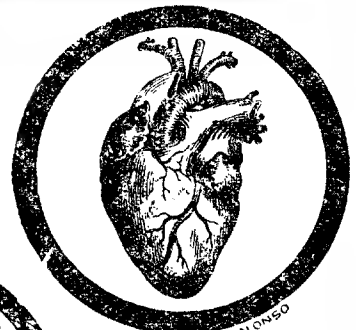
A Cevada Santa com chicoria

A Mariazinha não é uma bebida insipida nem amarga. Todos aqueles que de ha

Aos que
sofrem
de



Figado



e Coração
tomar café

muito a usam, sabem-no perfeitamente. Para as pessoas a quem se destina, pode afirmar-se, sem receio de desmentido verdadeiro, que não ha preparado algum,

tenha o nome que tiver e custe o que custar
que tenha melhor sabor e faça melhor proveito

Trata-se dum preparado que, todos os dias, — mas todos! — é torrado, moído e misturado. É um preparado composto com produtos conhecidos, naturais, puros e sãos. É um preparado que tem anos de consumo, sem qualquer descontentamento, como o podem atestar milhares de pessoas que o usam.

É um preparado feito com escrupulo e com a consciencia daquilo que se fez! portanto:

Sem sofismas:

é uma bebida inofensiva, proveitosa, saborosa, barata

pela sua qualidade pelo seu proveito pelo seu sabor pelo seu custo...

é aquella que se prova e se adopta.

Para garantia do que se afirma:

O nome d'A Mariazinha chega e sobeja...

NOTA:

Este preparado só é vendido ao balcão d'A Mariazinha a 4\$40 cada 1 quillo (para 250 grs. ou mais).

Nada tem com outros que são vendidos com o mesmo nome de cevada com chicoria ou nomes de fantasia.

A sua composição é muito diferente.

A qualidade usada, o sistema de torra e de moagem e as porções, empregadas constituem (como é natural) segredo d'A Mariazinha.

A MARIAZINHA

Rua Barros Queiroz, 26 e 28

(à Igreja de S. Domingos)



HAMBURG-AMERIKA LINIE

No proximo dia 31 de Julho chega a Lisboa o paquete de luxo

"ORINOCO"

que sai no mesmo dia com destino aos portos de

HAVANA, VERACRUZ e TAMPICO

Recebendo passageiros de Primeira Classe e de Classe Turística para aqueles destinos.

Este paquete também recebe carga.

Os Agentes Gerais:

Sociedade Insulana de Transportes Marítimos, L.ª

Praça Duque da Terceira, 20

Telefones: 29725 — 29726.

Empresa de Transportes BRAGA

Rua dos Correios, 28

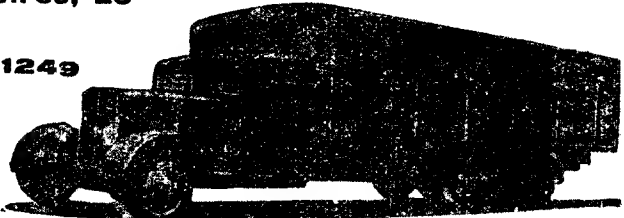
LISBOA

Telefone 2 1249

**Camions,
Camionetes
e Carroças**

Para todos os generos de transporte em Lisboa e em todo o país

Servico especial de Mudancas



MAPLES

em todos os estilos

Carpets Oleados
Papéis Pintados

VENDAS PARA A PROVINCIA

Vendas a prestações

Telefone 2 3413

Armazem de Moveis
do Calhariz

Paixão Carvahlo, L.ª

Largo do Calhariz, 27

XI EXPRESSO-POPULAR

Lisboa-Santarem

DOMINGO 25 DE JULHO

Ida e volta 10\$00
Marcação de lugar 2\$50

HORÁRIO

Lisboa-Rossio — partida	8-15
Entre-Campos —	8-27
SANTAREM — chegada	9-24
partida	22-20
Entre-Campos — chegada	23-31
Lisboa-Rossio —	23-43

Bilhetes à venda nas "Informações" da estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Tráfego da C. P. — Telefone 24031.



Não é apenas com uma bonita toilette, com uma linda atitude ou a graça de um gesto, que uma mulher resolve o problema da sua formosura.

Na escolha de um bom produto de beleza ou de um tratamento eficaz, reside muitas vezes o encanto que torna a mulher atraente e lhe empresta um aroma de juventude tão pouco para dar, presar....

Para qualquer espécie de maquiagem, aplicações ou outros tratamentos do rejuvenescimento e aformoseamento de rosto e da epiderme, tem a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA produtos e aparelhagens modernas especiais que a colocam a par das melhores casas estrangeiras do genero.

Academia Scientifica de Belleza

Lisboa — Av. da Liberdade, 35

Telef. 2 1866

Policlinica Central de Lisboa

FUNDADA EM 1905 para as classes pobres

Praça Luiz de Camões, 22, 2.º, E. — Telefone 2.2740

Prof. Borges de Sousa — Doenças dos olhos, 11 h.
Dr. Henrique Bastos — Rins e aparelho urinário — 11 h.

Prof. Egas Moniz — Nervosas e mentais — 15 h.
Prof. Carlos Salazar de Sousa — Doenças das crianças — 14 h.

Dr. A. Burguete — Estomago e intestinos — 13 h.
Dr. Sant'Ana Leite — Ouvidos, nariz e garganta — 14 h.

Dr. Craveiro Lopes (filho) — Doenças da pele e sífilis — 14 h.

Prof. Eduardo Coelho — Medicina geral, coração e pulmões, 12 h.

Dr. Torres Pereira — Cirurgia geral — 15 h.
Dr. Oliveira Luzes — Diatermia, raios ultra-violetas, maquiagem, etc. — 12 às 14 h.

Dr. Freitas Simões — Doenças das senhoras — 16 h.
Dr. Tiago Marques — Boca e dentes — 11 h.

Dr. M. Martins de Queiroz — Doenças da circulação e nutrição as 16 h.

Dr. Custódio Teixeira — Análises clínicas.

MOSAICOS

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA — Telef. 21059

Secretaria Judicial da 6.ª Vara de Lisboa

Pela Comissão de Assistência Judiciária junto da 6.ª Vara da comarca de Lisboa, correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação do presente anuncio, intimando David Loureiro Borges, trabalhador, que teve o seu ultimo domicilio conhecido em Martin, comarca de Barcelos, actualmente ausente em parte incerta de Africa, para no prazo de 5 dias findo que seja o dos editos, contestar, querendo, o pedido de concessão do beneficio de Assistência Judiciária feito por sua mulher Tereza da Costa e Silva Borges a fim de poder intentar-lhe acção de divorcio, com fundamento no n.º 8 do art.º 4.º da lei do Divorcio.

Lisboa, 8 de julho de 1937.

O chefe da 2.ª Secção,
Carlos Marques

Verifiquei.

O Presidente da Comissão,
Calado

CONTRA O CALÔR?!

Bebam os vinhos verdes da REAL COMPANHIA!

ESPECIAL (tinto) em garrafas

AMARANTE (tinto) em garrafas e 1/2 gfs; em botijas e 1/2 bot. de vidro

BASTO (tinto) em botijas e 1/2 bot. de vidro

AGULHA (tinto e branco) em botijas e 1/2 bot. de barro.

Em garrações de 5 litros

ESPECIAL (branco e tinto)

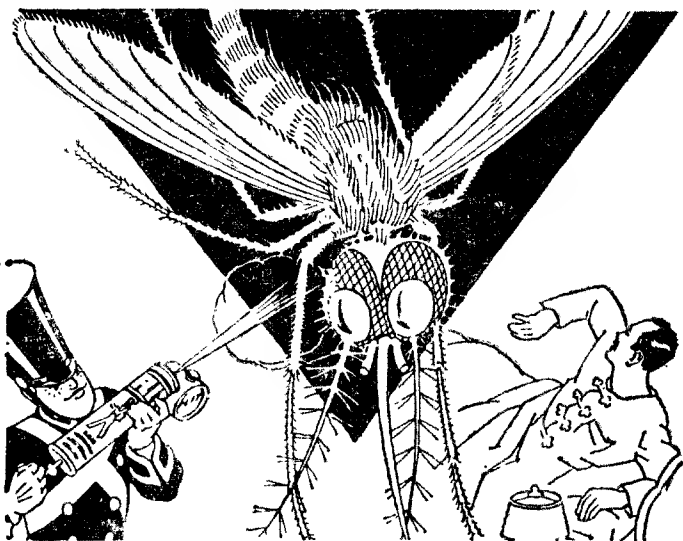
Vendem-se nas boas mercearias, restaurantes e hotéis de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Pedidos á FILIAL

Rua do Alecrim, 117 — Telef. 22556

Todos os nossos produtos são postos de nossa conta no domicilio do cliente em Lisboa.

Pulverise **FLIT**
o inimigo implacavel dos
insectos



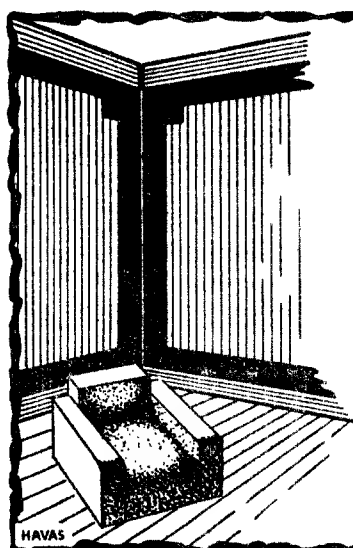
Os mosquitos perturbam o seu sono?... Mate-os com Flit!

Não sofra o tormento das picadas dos mosquitos, causa de serias infecções, quando é fácil mata-los com Flit, que é também a morte certa das moscas, traças, formigas, etc.; pulverizado não mancha e é inofensivo, tanto para as pessoas como para os animais. Qualquer producto vendido avulso não é Flit. Recuse os substitutos. Flit vende-se só em latas amarelas, seladas, com a lista preta e o soldado.

Esprei PO FLIT nas fendas e buracos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.



FLIT mata SEMPRE!



Para pintar interiores
use **PINTAMUR!**

Ficará maravilhado com o resultado que obterá usando PINTAMUR. As paredes adquirirão um aspecto aveludado, inteiramente diferente daquele que lhe daria qualquer outra tinta «manhosa» preparada ao acaso. Além disso, PINTAMUR, sendo uma tinta de óleo, pode lavar-se à vontade.

PINTAMUR
É UM PRODUTO ROBBIALAC

LOC ROBBIALAC, LDA

R. Nova do Carvalho, 15, 1.º — Lisboa



Pr. Luiz de Camões, 36, 2.º
Telefone 2 1945 LISBOA

XII EXPRESSO-POPULAR DE LISBOA

A SETÚBAL

DOMINGO 25 DE JULHO

Ida e volta Esc. 6\$00

HORÁRIO

Lisboa-T. Paço	partida	10-00
SETÚBAL	chegada	11-15
	partida	23-35

Lisboa-T. Paço — chegada 0-48

Bilhetes à venda nas "Informações" da estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Tráfego da C. P. — Santa Apolónia — Telefone 24031.

+ PARTEIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA



BRINDES MECA

Corte e costura em chapéus e bordados gratis

P. Brasil, 44-48, 3.º

Telef. 4 3492

RIPOLIN

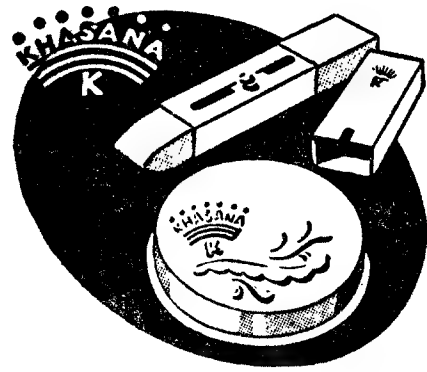
Nome e marca registados
Não confundirA' venda em tôdas as drogarias
Representante exclusivo:

A. G. Créange

159, Rua dos Douradoures, 1.º, E.

Remoce e aformoseie
o seu semblante

em poucos segundos usando o baton para os lábios e o rouge para as faces KHASANA. Dão-lhe um aspecto de frescura encantadora. O baton para os lábios e o rouge KHASANA, não distinguem, resistem às intempéries, à água e aos beijos. Ninguém se apercebe da sua aplicação. A nuance exacta para cada tipo de beleza!



KHASANA
Agentes Gerais: SCHLEEDORN & JACOBY, Lda.

Rua do Crucifixo, 76-1.º — Lisboa — Tel. 27092

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

"DE TUDO UM POUCO"

UMA CARTA DE TEIXEIRA GOMES A SAMPAIO BRUNO

XXIX

As vicissitudes desta minha já tão longa vida, fizeram com que eu deixasse pelo caminho grande parte da bagagem que me acompanhava; a incuria, a ausência, a humidade, a traça, etc., completaram a obra de destruição, é raríssimo que me volte às minhas coisas que tivesse escrito no século passado. Sucedeu-me isso, porém, dias atrás. Lembrou-se alguém de me mandar a carta que em seguida transcrevo, dirigida ao Bruno em 1892, quando ele se refugiou na Galiza; é um documento curioso pois mostra que em quarenta anos eu em nada mudei; por isso a publico—sem lhe alterar uma vírgula, reconhecendo, no entanto, que bem precisava de exemplo singular, embora não aconselhe que o sigam...

Anvers, 19 Place de Meir, 7 d'outubro de 1892.

Meu querido Sampaio:

A sua carta de 19 de setembro, recebida faz oito dias em Amsterdam, deu-me algumas horas de inteira alegria, aquelas durante as quais, recompondo a sua vida em Paris, especializada no seu caso de melancólico, de tímido, de vencido, o vi soltar-se das mortificantes ansiedades de dinheiro e correr, transfigurado pela ilusão certa da libertação completa, ao isolamento, independente e bucólico, da aldeola donde me escreveu. Eu conheço bem essas duríssimas agonias, donde a alma sai, como do mais aleivoso cárcere, para a redenção sonhada, em que a esperança alaga os círculos infinitos da vida nova. São momentos de folga incomparáveis, inolvidáveis, que nos restituem a mocidade, mas desgraçadamente de pouca duração, porque a grande inquietação, o irremediável desassossego está sempre connosco, dentro de nós mesmos. Nestas considerações bíblicas, onde apenas falta o apelo à divindade consoladora, me detive pois, gostosamente, algumas horas, mas voltando a reflectir nas deducções práticas da sua vida projectada, fiquei preocupado com a ideia de que não vá o meu amigo cair em qualquer combinação mesquinha, que o leve a dobrar a sua inteligência aos caprichos dos espartalhões que seguramente o espreitam. Se o seu feitiço é filosofar,

porque o não fará o meu amigo até morrer? O encanto da metafísica reside justamente na sua inutilidade prática. Não lhe pese a opinião de ninguém a seu respeito e procure apenas estar contente consigo mesmo, conselho talvez banal, mas que resume a única felicidade possível neste mundo. Tudo quanto encontrar que deot na harmonia das suas ideias, dos seus sentimentos, não lhe pode servir; eu louvo os que preferem, pelas exigências do próprio temperamento, assaltar diligências, a ser caixeiro, director de secretaria, ministro ou pessoa honrada, en-

fim. Seja como Deus o fez, filosofe em paz e não desça desse mundo de phantasias, onde até as amarguras se prestam ao prazer da análise, em busca da chamada vida prática, boa para os imbecis que não conhecem outra...—Eu sigo vagabundeando, na existência errante e tal como sempre a desejei. E' ainda a mesma bohemia, mais doirada na aparência, e por isso mesmo mais espinhosa às vezes do que a bohemia pobre, que fez primitivamente a minha felicidade por tantos anos. Os meus sentidos, porém, cada vez mais afinados, mais livres, mais

desprendidos de toda a sujeição subalterna, procurem-me a cada instante impressões maravilhosas: a forma, a cor, a musica; todos os detalhes da immensa harmonia que nos cerca, compostos em relêvo, explicados nas composições dos grandes artistas, parece-me que começam já a ferir directamente a minha alma, como reflexos originaes dos mil aspectos da propria Natureza. A revelação inesperada da arte grega, cujos encantos suspeitava apenas, e que só no museu de Napoles se nos desvendam; a minha viagem a Africa, no contacto da vida arabe, que resume em suas manifestações intellectuais, na sua religião, nos seus costumes, o que mais incondicionalmente me satisfaz a sensualidade, dando-me ainda a ideia dum estado social imperfectivel e portanto immutavel, tudo concorreu para alargar o horizonte da minha esthesia, soltando-me dos immercedos embevecimentos que a Renascença me impunha e preparando-me para sentir a mais e mais todas as infinitas vibrações do movimento universal e eterno que se chama Vida. Se tivesse continuado a minha carta de Portimão ter-lhe-hia dito, provavelmente, isto mesmo, sob outra forma de maior prolixidade. Então a memoria pejava-me de pormenores; hoje tudo se fixou em mais uma curva acrescentada á grande espiral das minhas sensações—que são as minhas ideias—espiral que nunca me será dado percorrer na companhia de ninguém, mas que em certos momentos de rara claridade me arremente ás resplandecentes loucuras dos paroxismos imaginarios, na exaltação dos quais julgamos sentir Deus. Todas estas coisas se tem dito muitas vezes, e nelas se percebe ordinariamente o vazio inutil e vago de quem as escreve; eu tambem não as repetiria senão a amigos como o Sampaio, que comprehendem as delicias de semelhantes bebedeiras; para os outros o «carrascão» basta. Peço-lhe que me traga ao corrente da sua vida, e se possível fór, das suas ideias.—Se precisar de alguma coisa diga-o com a franqueza illimitada a que a minha amizade o deve obrigar. Não lhe perdoarei nunca se me furtar alguma occasião em que possa ser-lhe agradável.

Seu amigo do C.
M. Teixeira Gomes



Um quadro de Anjos Fonseca, pintor de Gêa, que representa Nossa Senhora das Indias. Este artista português tem pintado numerosas cenas da vida de Cristo. A fotografia, infelizmente, não permite fazer ideia do admiravel colorido desta tela

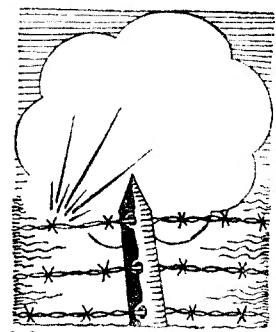
Ecos

VARIAÇÕES

Iluminura

por Correia da Costa

Ecos



Hoover, o antigo presidente dos Estados Unidos, reuniu cerca de quatrocentas mil obras sobre a grande guerra: romances, ensaios, memórias, documentos, em quasi todas as línguas que se falam na terra.

Foram precisos três anos de procuras metódicas, e empregar, sobretudo na Europa, dezenas de pessoas para reunir tão formidável biblioteca.

O presidente Hoover doou esta sensacional livreria à Universidade de Leland Stamford, com a condição de a completar, se for necessário.



Pierre Loti vai ter um monumento em «Rochefort-sur-mer», no jardim da casa, onde ele viveu durante largos anos. Essa casa que era um ver da delírio museu de recordações exóticas, ainda existe, ao que parece, tal como ele a deixou.

Diz-se que Loti dava, por vezes, guarida, a terríveis contrabandistas, sem que a guarda-fiscal se atrevesse, por uma questão de respeito, a ir procurá-los ali.

E, pelo menos, uma lenda que sobrevive ao admirável escritor do «Pêcheur de Infance».

A comissão do monumento tem o alto patrocínio de Albert Lebrun e propõe-se recolher fundos, em todos os países onde ha admiradores de Loti.



A colecção «Ascendencia de alemães celebres» publicou agora a árvore genealógica do Fuehrer. Descobriram-se nos arquivos de Braunau duzentos e sessenta parentes de Hitler. O ascendente directo mais remoto que se conhece é Mateus Hitler, que viveu em 1568 e era servo das terras dos senhores de Wutra. Encontrou-se também um tal Hans Hydlar, que existiu em 1435 e deve ter pertencido à família, apesar da variante do apelido.

Na «Ascendencia dos Alemães celebres» frisa-se que todos os duzentos e sessenta avós de Hitler eram camponeses e habitavam a mesma região num raio de doze a quinze leguas.



Vai erguer-se, em França, um monumento aos jornalistas, vítimas do seu dever profissional. A ideia foi entusiasticamente acolhida naquele país, tendo congregado centenas, se não milhares de pessoas ilustres. Toda a Imprensa vai contribuir para essa obra admirável de evocação. Na base do monumento vão figurar os nomes de todos aqueles que, como Albert Londres e Louis Delapré, o jornalismo imolou, em lances verdadeiramente dramaticos.

E em Portugal? O unico monumento que os profissionais da Imprensa têm são as lousas dos cemiterios. E nem todos!

Numa volupia dolorosa, sangrenta, o sol morria e o poente desvalrado tinha sangue, o mesmo sangue do crime dos guerreiros, enquanto ao longe a igreja era uma esfinge de morte e na alma dos homens rudes uma tristeza planava, funda e abismal como um tumulo. Num arranco caminharam. A noite avançava, vestida de negro, fantasmática e as trevas invadiam a paisagem adormecida, uma paisagem de chorões pomposos e curvados e planuras verdes com renques de arvores e longes esfumados na distancia. Cada vez mais, cada vez mais, a dor envolvia o clan, uma dor que punha rictus de bronze nas mascaras, que enclavinhava as mãos, que fazia brandir as espadas nuas que dava aos olhos sulcos e fundos de infernos, porque eles vinham da morte, da morte cruenta, sinistra, como se tudo fosse uma visão soturna entre sonhos delirantes. Ao longe Montemor-o-Velho, nessa hora gotica, era um ex-voto branco, em volta do castelo nessa noite medievla e perdida nos longes do tempo, que segundo conta uma lenda foi uma noite quasi irreel de amor e de morte, noite de inferno e de delírio, de sangue e de amor barbaro, que eu sinto, como se pintasse a luz da minha razão o painel duende do meu sonho desvalrado.

Os moiros andavam talando os campos, por toda a parte a morte e o roubo o estupro e o sangue. Aldeias após aldeias tinham sofrido o saque e de tanto lar fumegante, das igrejas cheias de povoleu rezando, de velhos de mascaras goticas e encanecidas, restava o fumo volátil, o ruído do fogo, lambendo, dizendo esculturas de chamas, ecos de lamentos, pragas e interjeições de dor e de apêgo mais do que humano à vida: Um crepusculo de morte invadia a raça, tornava-a galvanica de esforço e de revolta e todos brandindo as espadas a um tempo temiam o saque e o fim, agora que o sino tangia e dentro da igreja a luz dos lampões, uma cantilena de rezas, de mãos em ogiva, subia e se perdia no ruído confuso dos lamentos.

—Piedade! piedade! era o grito dos velhos e das crianças chorosas.

E a voz dos homens rudes do clan, juntas às espadas goticas e nuas, era um grito de hoste, numa floresta emaranhada, a voz mitica do chefe:

—A' morte, á morte!

Um choro se levantou, alto e belo como uma onda saltando acima do oceano, um choro convulso de apêgo, e de supplica—de remorso e de medo, a luz dos archotes hirtos no seu oiro volátil, dando penumbras aos paineis e figurações de humanidade às esculturas toscas dos santos. Piedade! Piedade!

Uma onda enorme de medo invadia as almas. Todos hesitavam, todos temiam o crime. Mas a lembrança do que sucedera às aldeias vizinhas, pela voz dos fugitivos, enche-os de coragem, galvanizou-os titanicamente, como co-

lossos animados.—A' morte, á morte! A voz do chefe era imperiosa e funda. Todos ao seu lado pareciam arbustos tremulos. Só a sua figura selvagem e loira, semi-barbara e esculpida de sangue e de dominio, se levantava como uma escultura, como a mais alta onda da grei, no seu arranco humanissimo de defesa. Num arranco, a um sinal rapido caminharam e foi então o espectáculo barbaro, duende, de pais a matarem os filhos, de filhos a degolarem as mães, de irmãos que matavam as cutiladas as barbas e loiras irmãs.—Senhor Deus, Senhor Deus, piedade, piedade! Mais alto subia o amor e o odio e o espectáculo continua, duende e macabro e eu vejo então o trucidar dos corpos, o retalhar das carnes, os gritos de vida, o tumulto infrenne dessa tela gotica, sortilega, enquanto o oiro dos archotes chorava nas chamas e o sino emmudecia, sem mãos que o tangessem.

Acabaram as rezas, agora só gritos e interjeições e um ruído de espadas nuas cortando, violando corpos, numa carnificina parricida, irreel, dentro do templo iluminado e dos brandões espectrais.

A matança parara. Agora só corpos, pedaços de membros, cabeças de olhos abertos, abismais, montes de frangalhos humanos—e um cheiro de sangue que incitava, que dava ao templo um aspecto inexplicavel e deshumano, irreel e fantasmático.

Pelas janelas uma infancia de luar entrava, havia indícios de dia distante, tal era a brancura duende, espectral, da sua luz alva e fluida, como um aiago de mão morta, cór de pergaminho antigo. Os guerreiros saíram, os seus olhos eram fogo e morte, amor e morte, tinham assassinado mães e filhos, avós e netas nesses campos de Montemor-o-Velho, dentro do proprio templo, na presença de Deus, para que as espadas e o odio dos moiros não violassem corpos de neve e ouro, para que as espadas, os alfanges dos mouros não tripudiassem no estupro e na morte, os corpos que eram o sangue do seu sangue, a vida da sua vida, nessa tarde gotica e predestinada de batalha. Iam agora para a morte a gritar vingança, a gritar Deus, a gritar o combate selvagemmente, como uma horda, como uma tribu guerreira, iluminada pelos archotes, diante do luar, na campina absorta.

A voz do chefe era sempre o latego sortilego.—A' morte, á morte!, pondo arrepios na alma, enchendo o coração de raiva e de odio concentrado. Ao longe ha fumo, sente-se o acampamento da gente ruim dos moiros, acampados e dormindo, depois de terem bailado e tangido instrumentos e pandeiros, contentes do estupro e do roubo, violando, queimando os templos, arrazando seares e messes, queimando florestas e bosques emmaranhados.

CORREIA DA COSTA

NOVIDADE LITERARIA

JOAQUIM MANO

Malicia Sem Maldade

Uma nova mensagem espiritual

A' venda em todas as livrerias



Os animais selvagens também têm a sua cotação. Em Londres existe uma bolsa que funciona regularmente, com bastante movimento de «fundos» em carne e osso, embora os mesmos, como é natural,

não estejam presentes, mesmo enjaulados.

Ainda ha pouco tempo o animal mais caro era o rinoceronte, que custava qualquer coisa como cem contos. Agora, porém, o leão e o tigre subiram de preço, em virtude de haver cada vez menos caçadores que afromtem as selvas africanas.

Quanto ao hipopotamo é o unico que baixou de preço.

Ha abundancia deles em virtude de muitos zoos europeus se ocuparem da sua reprodução. Els uma baixa que, infelizmente, não influi no preço do chamado cabaz das compras.



Na Ostia, Italia, na estação ornitológica de Castel Fuzano, estão-se criando, em grande escala, andorinhas. Milhares de ovos são chocados artificialmente, e as novas andorinhas, depois de domesticadas, durante algumas semanas, são postas em liberdade. O objectivo desta criação é eliminar aquela região dos mosquitos que a infesta, e que são particularmente apreciados pelas gentis mensageiras da primavera. Adultas, continuam a viver nas mesmas paragens, voltando ao sitio onde foram criadas, a um simples assobio dum dos seus guardas. Dizem os ornitologistas italianos que ainda não se encontrou melhor processo de suprimir os mosquitos e a malária.



Romain Rolland depositou, numa biblioteca suíça, a maior parte das suas memorias, com o encargo para o depositario de não as publicar senão vinte anos depois do seu falecimento.

Porquê semelhante prazo? Ha quem suponha que o autor do «Jean Christophe» ponha em causa, nesse «testamento literario», alguns dos seus amigos e discipulos politicos. Tudo indica que o jornal, de Romain Rolland, como o dos Goncourts, que ainda não foi inteiramente publicado, causará sensação quando apparecer. Mas é daqui a vinte anos, e o mundo ainda dá muita volta. Pode ser até que o seu autor mude de opinião, e o destrua. Tudo é possível.



Nem sempre o bronzado com que se volta das praias é um sinal de saúde. Trata-se dum fenómeno secundario, sem importancia, que resulta dos raios cosmicos da luz solar sobre o pigmento da pele. Qualquer se pode «queimar» por simples exposição aos raios da lampada de mercurio. E' preciso, porém, dizer que a vida ao ar livre, multiplica os globulos vermelhos, o que não se consegue com o «bronzado» electrico. Os medicos recomendam prudencia com as curas de sol. O excesso não é, apenas, um defeito, mas um erro grave.

Dez minutos

com

**Silva Tavares**

Não é preciso apresentar Silva Tavares. Nasceu poeta. Sobre o seu berço debruçaram-se as musas da poesia: uma a graça, outra o amor, a terceira a saudade, e disseram-lhe que cantasse. Não tem feito outra coisa, toda a vida, como a cigarra, na sua alegria vitoriosa, que despresa os bens do mundo. Alexandrinos de ouro, que relampejam de emoção, trovas de sabor popular, de harmoniosos ritmos, onde cada verso é uma gota límpida de beleza, contendo um pequeno universo de pensamento, sonetos austeros — como esse que cobre a lousa do soldado desconhecido, na Batalha. Durante muito tempo foi do teatro. Uma má revista salvava-se, por vezes, — porque tinha versos de Silva Tavares, mancheias de cravos, dizeres simples de paixão, ou pequenos quadros, de perfil dramático, passados nas ruas sem sol.

Hoje, afastou-se, cultivando, talvez, com mais requinte, o seu admirável talento, vocação instintiva, apurada por um belo cullo da língua e da forma:

—Que pensa da Poesia?

—O que penso da Vida: não poderia viver sem ela... Escrevo por necessidade imperiosa do meu espírito, não quando quero, mas quando ele determina. E, nesses transe subconscientes do meu ser, para além das paredes do meu crânio, o Mundo deixou de existir. Não vejo, não ouço, não sinto, nem vivo, senão para a minha obra e para o gozo misto de tortura, que ela me proporciona.

—Mas, as suas quadras são faceis, naturais, espontaneas...

—A maior dificuldade é parecer simples. Repare: não digo «ser», mas «parecer».

—De todos os seus livros, qual o de que mais gosta?

—Gostei, sempre, mais do ultimo. Agora, toda a minha simpatia se concentra no poema «Pela Fé do Imperio», publicação oficial que celebra a Exposição Histórica da Ocupação. Escrevi-o a convite da Agencia Geral das Colonias.

—Quere dizer que todos os seus livros lhe agradam completamente?

—De modo nenhum! Nem o disse, nem o sinto. Ha dois ou três que, hoje, eu não escreveria. Isso, porém, não obsta a que me tivessem agradado, quando os publiquei.

—Pode dizer-me quantos volumes tem publicado?

—Da melhor vontade. Trinta e três volumes: vinte e três são de poesia, seis de prosa e quatro de teatro.

—A proposito de teatro: abandonou, completamente o teatro ligeiro?

—Completamente... Pelo menos enquanto ele fôr tão «ligeiro» como agora...

—Em quantos peças de teatro colaborou?

—Em setenta e oito.

—Gosta dos poetas modernos?

—Não há poetas modernos nem antigos. Para mim há só poetas.

—Quais os que mais admira?

—Deseja comprometer-me?

—Que idéa!

—Então, deixe-me guardar segredo...

"ESTE MUNDO E O OUTRO"**A Roma eterna dos papas e dos cesares**

do dr. Samuel Maia

O dr. Samuel Maia é um jornalista que, por vezes, se arrepende de ser um escritor brilhante de bom vernáculo, que sabe desenhar na prosa, como um bom imaginário, na pedra gotica das catedrais, as mais belas imagens da sua visão e fantasia.

O livro que ele agora nos deu: *Este mundo e o outro* é obra dum jornalista de grande classe. Começa em 1906 e vai até a nossos dias. Passado o prologo, portico elegante, onde o autor, com certa melancolia, traça uma retrospectiva rápida, mas incisiva das figuras e até das paisagens, que o esfumino do tempo apagou — e o dr. Samuel Maia, viaja pelo mundo e pelos acontecimentos, analisando povos, nações, momentos e factos sensacionais, recentemente ocorridos. O seu perfil de Italia é uma maravilha. O descritivo, o comentario, a observação, combinam-se admiravelmente no seu livro. Vê-se, e sente-se, a grande nação latina no *Este mundo e o outro*, de tal maneira que quasi nos dispensamos de lá ir. Em crônicas modelares, algumas dignas duma antologia a fazer da especialidade, o dr. Samuel Maia conversa com o leitor, leva-o consigo a Roma e a Nápoles, interroga Mussolini, fala com o operario e o camponês dos Apeninos, e, por ultimo, depois de ter percorrido fabricas e arsenais, oficinas e centros de cultura, assiste ao embarque dos soldados italianos para a Abissinia. Aqui e ali uma paisagem: a curva duma estrada, o dorso duma montanha, um local ilustre, as cicatrizes gloriosas duma ruína.

Este mundo e o outro dá-nos, inteiramente, toda a geografia física e humana da Italia, em paginas brilhantissimas, que devem ser lidas com concentração. Dêste belo livro transcrevemos os seguintes trechos:

Este nome curto de Roma, grave como nota de violoncelo, nenhum homem de lingua latina o pronuncia sem emoção. Prestigio maior não existe, impondo-se ao nosso sentimento nato, ancestral.

Sobe á altura de respeito a par de religioso, com peculiar tempêro de adoração. E' que todos os ensinados a balbuciar mãi, madre, miere, ao chegarem a uso de razão, percebem que disseram mater e, na volta dada á lingua, distinguem o sabor do leite da loba que serviu de ama aos fundadores. De facto, nas veias de todos os que na raiz encontram a origem comum, corre um sangue estruturado com lóbulos procedentes daquelle úbere místico.

E, perante o simbolo expresso no animal que alimenta os dois meninos, sentem-se por igual filhos da mesma familia, dentro da gens romana, sejam lusos, hispanos, francos ou italos, os que subam ao Monte Capitolino e quedem um instante a meditar.

Colhe impressão inédita o dessa estirpe que pela primeira vez pise as pedras da Via-Sacra, o chão da Basilica Constantina, ou palpe as columnas partidas do templo de Saturno. Fica sisudo, concentrado, em recolhimento de espirito, igual ao de quem ora. Não acode o gosto de falar, de rir, de viver a vida comum. Parece que alguma coisa de supremo, imenso ou misterioso, pesa na consciencia, forçando-a a desejar o que não é deste mundo.

Talvez por isso se possa dizer que a cidade não enleia de sedução como as outras de Italia. A Nápoles que inebria, a Florença que encanta, a Veneza que incita ao devaneio, temos de acres-

**DR. SAMUEL MAIA**

centar Roma que obriga a meditar na eternidade.

Três mil anos de historia continua, de subito metidos nas nossas relações proximas, transmitindo-nos parentescos com centos de gerações ininterruptas, esmagam qualquer assomo de levandade ou efêmera flôr imaginativa, onde se colhe o perfume de prazer maior e menor que nos é dado perceber. E' historia em excesso que por ser viva e presente aos nossos olhos, nos transfigura em almas unidas ao antepassado remoto, veneravel, taciturno, com quem não se pode brincar. O leve, diáfano, desapareceu daquelle ceu, que se apresenta espesso de majestade, grandiosidade, sublimidade. Por isso a multidão toma aspectos de fôrma severa, occupada em arrecadar altus sabedorias, sem qualquer apparencia de cigarra estridula que tinge o ar de alegria estouvada.

Roma, pejada de beleza, inculca-se, ao primeiro relance, como um passado hierático, pensativo, sem o presente volúvel e efêmero das outras capitais. Supõe-se que ficou acomodada, solene e hirta, para os que existiram, sem consentir as fragilidades dos que existem, com corpo dotado de cinco sentidos diferentes. Daqui resultam paradoxos estranhos, incompreensíveis. Por exemplo. Ao seu contacto, a antiguidade remota; torna-se de ontem o que parecia primitivo.

Assim, para nós, o tempo recessivo, inicial, transforma-se em idade moça.

O Desejado, o Venturoso, o Africano vivem em datas que não revelam aqui timbre de velho.

Em Roma, 1400 foi ontem, Julio II, Paulo III, Leão X encontram-se a cada passo, jovens, frescos, a falar connosco. Bernini, Miguel Angelo estão quentes. Para obter timbre antigo, vero antigo, nesta atmosfera, ha que dizer volusco, etrusco, ou pelo menos, Tibério, Diocleciano.

Sob o sol florentino, ao nomear Donatelo, a boca sabe a vetusto. O romano, para condizer em sensação, tem de articular Phidias ou Praxiteles. Os Sanzio, Fornarinas, Borgias, Ticianos, Borgheses cheiram a crianças. E alguns deles ficam para trás das descobertas. O proprio nascimento de Portugal, visto do alto do Capitolio, perto da casa de Caligula, adquire tom de festa de familia, recente. Oito seculos

contam por um momento. Só uma singularidade se estranha. Não conversarem latim quantos ali se acham com caras que repetem as feições talhadas no marmore, já conhecidas, depois de vistas e revistas um sem numero de vezes. O nariz e cabeça de Tito, Marco Aurelio, Adriano, Tiberio; depois, os Manlios, os Tulios. Flavios passeiam nas ruas de Roma, vindos da Etruria, de Campania, da Tarraconense, Galia, Lusitania, os de hoje, como os do outro tempo. Afirmam-no as pedras esculpidas com uma verdade e rigor de expressão, que chega a denunciar a côr dos olhos e cabelos, através do branco uniforme. Ora, tudo isto causa emoção profunda, sem confronto com qualquer outra. Termos diante de nós, traduzidos na sua perfeita realidade humana, aqueles que o espaço e tempo aproximara de mitos, sacode fibras ignoradas, perturbadoras do equilibrio, quasi fazendo supor uma evasão da vida presente, ou viagem a outro mundo. Qual? Um mundo em que desaparece a personalidade tangível, do uso habitual. Palpamo-nos e não nos conhecemos. Compara-se a alucinação, o efeito produzido por tão extensa e volumosa beleza. Excede a intelligencia e esgota a capacidade de entender.

O majestoso, o magnifico, o precioso ultrapassam a medida da percepção usual. A sumptuosidade, riqueza, labor, adorno, afigura-se delirante ao sentido comum de que se dispõe. A atenção fatiga-se diante do que observa e lhe parece irreal, quasi monstruoso, ou absurdo pela quantidade. O bronze e o marmore trabalhado por mão quasi divina, o metal precioso em labor, a pedra fina, o esmalte, o mosaico difundem-se em todas as proporções, desde o tamanho de areia, ao de promontorio. De onde veio, quem fez o que a vista não despega de ver? Poderia crer-se numa população inteira de esculptores, pintores, ourives, architectos, decoradores, que se alimentavam de graça e produziam obras de arte como uma transpiração do corpo. E, assim, durante seculos, pois de outro modo não se acumularia o que enche o espaço desmarcado da cidade.

Carece-se de esforço para readquirir a calma e conseguir, enfim, interpretar o fenomeno singular, sem semelhança com qualquer outro. O fundamento encontra-se na sobreposição dos dois imperios universais que ali fixaram o centro. Imperio cesáreo, imperio papal submeteram a tributo, durante vinte e tantos seculos, o mundo conhecido, e com o produto arrecadado construíram as termas de Caracalla, o Coliseu, o Forum, os Templos da Via-Sacra, as estatuas, os retratos esculpturais, os bronzes, depois as basilicas, as quatrocentas igrejas, as mil fontes, canalizaram rios, cavaram fossos, fizeram e desfizeram montes, ergueram arcos, gravaram historia, definiram triunfos, buscando aonde lhes aprouve o material que trabalharam.

E' certo que na fixação em pedra dos feitos realizados e victorias obtidas, as operações de arte por vezes se atropelaram. O imperio papal, ao substituir o romano, destruiu os templos cesareos para edificar os cristãos. O espirito de então impediu que a transmissão se realizasse sem perder ou mutilar o que já havia adquirido a forma definitiva da imponencia. Apenas um se salvou, para demonstrar que melhor fóra proceder como em Bisancio, ao tomar o turco posse da igreja cristã. O templo de Augusto, hoje panteão, intacto, mantendo todo o perfil original, prova que a majestade architectonica, obtida com a proporção das columnas, das cupulas, dos envasamentos, declinou no segundo imperio. Sómente a basilica de S. Paulo, por se conservar proxima do estilo antigo, produz a emoção de severidade, de grandeza, que as restantes não oferecem. A de S. Pedro, que é grande, rica, adornada com lavores de maior preço e da melhor beleza no pormenor, não atinge a grandiosidade de conjunto, donde procede a diversidade do choque impressionante, recebido ao entrar nas duas referidas.

O cristão partiu muitas columnas de elevado porte, algumas com mais de quatro côvados de diametro, ao pretender mudá-las de lugar. E quando as colocou não foi feliz na distribuição. De notá-lo, sente-se uma grande magoa igual á causada por um campo de batalha.

Todos estes elementos compõem a melancolia que se apodera do viandante, ao percorrer a nobre metropole da latinidade. Confusa nos elementos que a compõem, sobrepostos, misturados, espiritos diferentes, sentidos diversos, presos a cada parcela, não conforta o seu convívio.

O esforço poderoso que o novo regime emprega para criar ali a sede do terceiro imperio não produziu ainda efeito. Roma permanece disposta á meditação, ou penitencia. A's dez da noite, uma iluminação de sol estival mostra as ruas desertas, onde o silencio escuta o marulho das fontes.

MARINHA

A Antonio Marques Matias

Desnudas moças virgens, uma a uma,
Vão-se entregando as ondas ás escarpas.
Na sinfonia da agua ha branca espuma,
Cristais partidos e desfeitas harpas...

Estendem, com volúpia, irreais braços
E á sua posse o loiro areal desmaia.
Ha ritmos caprichosos, brandos passos:
— Ronda sem fim das ondas pela praia...

Algas morenas, búzios, escumilhas,
Trazem as ondas de invioladas ilhas,
Tatuando a areia com seus dedos mágicos.

E, quando morre o Sol no mar imenso,
— Mulheres de luto num coral intenso,
Ouvem-se as ondas em marulhos trágicos!

Lisboa, junho, 37.

MANUEL MORAIS

OS LIVROS DA SEMANA

Se se diz que não há crítica literária em Portugal, que se dirá da crítica de arte? Em Portugal não há crítica de arte. L' certo haver quem a si mesmo se atribua o pomposo título de crítico de arte. Mas a impropriedade do título é manifesta. Quem entre nós se ocupa de arte não o faz como crítico, fá-lo como historiador ou erudito. Igual tendência se observa na literatura. Também se costuma dar o nome de crítico literário ao mero historiador da literatura. Ora não há maneira de se confundirem tais noções: um historiador é um historiador, um crítico um crítico. A função do historiador está perfeitamente circunscrita. Um historiador de literatura não tem de seleccionar e valorizar obras literárias — tem de arrumar obras já seleccionadas pelo tempo. E' o que faz o historiador de arte, quando se não limita a transcrever os registos de baptismo dos pintores mais ou menos anónimos que viveram noutros tempos. A função do crítico é outra. Criticar implica a operação fundamental de escolha ou selecção. Criticar, em última análise, quer dizer escolher. Toda a tarefa do crítico incide, pois, sobre o terreno incerto dos valores prováveis. Daí a extrema dificuldade da sua missão. Que difícil distinguir o artista de talento do mero habilidoso! O crítico trabalha com valores em formação; o historiador ou erudito com valores definitivamente formados. Se, por exemplo, um Sainte-Beuve se tivesse limitado a estudar os escritores franceses consagrados: um Vitor Hugo, um Lamartine ou um Vigny, teria ficado na história da literatura mais como historiador de literatura do que como crítico. Mas como se ocupou dos contemporâneos, tal Balzac, Stendhal ou Flaubert, como crítico é conhecido. Foi então que a sua inteligência deu as suas provas. Então se lhe denunciaram as suas limitações. Críticos literários são, por exemplo, um Curtius, um Jaloux, um Thibaudet. E' verdade poderem-se estudar as obras do passado com um sentido de actualidade tal que nelas se descubram novos valores. Quem assim procede já não é só historiador. Não se pode chamar historiador da literatura a um Gundolf.

Nas artes dá-se exactamente a mesma coisa. Aquele que discreta proficientemente sobre Frei Carlos ou Nuno Gonçalves é um historiador de arte, não um crítico. A verdadeira missão do crítico de arte é outra. A ele compete discernir os verdadeiros valores entre as revelações da última hora. São críticos de arte um André Lhote, um Gibson, um Waldemar George, um Jean Cocteau. Mas, entre nós, quem haverá capaz de compreender os verdadeiros valores da pintura contemporânea? Que português merecerá o nome de crítico, no sentido criador que acabamos de lhe dar? E' triste dizê-lo, a fora alguns casos isolados, sem continuidade — ninguém.

Enquanto a França, na Exposição Internacional, apresenta, com orgulho, a sua pintura dos últimos cinquenta anos, onde figuram os mais arrojados pintores dos últimos tempos: um Cézanne, um Renoir, um Matisse, um Derain, um Picasso, etc., em Portugal os museus continuam fechados àqueles que entre nós se podem considerar os verdadeiros pintores do seu tempo.

Porquê? Porque, ainda não há muito, ao apresentar um conferencista francês que ia falar de Cézanne, alguém entre nós considerado a mais alta autoridade em assuntos plásticos afirmava, com dogmático desprante, que esse tal Cézanne nem pintar sabia... Que será preciso mais para ficarmos cientes de que em Portugal não há crítica de arte nem consciência dos novos valores plásticos?

Mas é preciso sermos imparciais. Os pintores portugueses, na sua generalidade, têm responsabilidades nisto. Regra geral, o português é relapso á crítica — perdô-me a insistência. E' o o poeta que se insurge contra o crítico que se permitiu fazer-lhe restrições; é o o pintor que não sabe escutar senão a crítica encomiástica: um e outro, em nome de uma espécie de intangibilidade misteriosa que mantem a distância quem não se dispõe a aderir incondicionalmente aos segredos da sua arte. Se é um técnico que fala, o pintor sacudi-lo-á, por ver na sua crítica sinal de despeitada incompreensão; se é um leigo, — e o pintor português considera leigo todo aquele que não professa o seu mister — chamar-lhe-á ignorante. Em pintura está-se ainda naquela fase em que se não dá o direito de criticar um quadro a quem não seja capaz de o fazer. Inútil insistir nos inconvenientes de uma tal atitude. Sem crítica, não há consciência dos recursos próprios; nem consciência dos recursos próprios nem aquele estímulo indispensável ao artista propenso a adormecer á sombra dos louros da glória.

* * *

Celestino Gomes, um curioso desenhador de sentido decorativo, escreveu um ensaio intitulado, talvez com demasiada pompa, *A Expressão Meta-Cromática na Pintura de Eduardo Malta*. Como plástico que é, Celestino Gomes poderia ter limitado o seu estudo aos problemas técnicos que a obra do seu colega lhe propunha; mas não: Celestino Gomes, porque é também médico, quis dar-lhe tinturas científicas.

A EXPRESSÃO META-CROMÁTICA NA PINTURA DE EDUARDO MALTA

por CELESTINO GOMES

O seu ensaio é mesmo dominado pela preocupação do termo científico e da citação abundante. Daí, afloram-se nele problemas que, por insuficiente meditação pessoal, não se podem ter por justamente resolvidos. Se se quisesse encerrar o ensaio de Celestino Gomes pelo seu lado científico-filosófico, desde já poderíamos observar que a mais moderna ciência contradiz a afirmação inicial da sua obra. Segundo Celestino Gomes, «só á força de juntar expressões finitas se conseguiu alcançar uma ideia estável de infinito». Quere dizer que a importância por ele atribuída ás ciencias positivas, as quais o habilitaram a dizer que, «separando quantidades finitas, se pode chegar á expressão abstracta do infinito», pode ser posta em duvida, visto a propria ciencia moderna ser contraria a uma tal ideia. A *Gestalttheorie*, ou teoria da forma, invalida, por exemplo, o método analítico ou dissociativo, recusando-se a aceitar que o finito explique o infinito. No domínio psicológico e filosófico tal método é falso. Pela teoria alemã o infinito é de natureza completamente distinta das partes finitas de que se compõe. Segundo, pois, a *Gestalttheorie*, a mais recente das teorias da forma, é erroneo o ponto de vista de Celestino Gomes: não se pode atingir o infinito pela decomposição dos seus elementos em partes finitas.

Celestino Gomes promete muito no principio dos seus capítulos: em geral não nos dá tudo quanto nos promete no começo deles. Os seus ensaios ou capítulos são assim uma serie de pontos de partida. Como pontos de partida talvez estejam certos. Nem sempre se me afiguram certos como pontos de chegada. Não devo também ocultar que na sua obra se encontram passagens obscuras, difusas. Por exemplo: «A arte de Eduardo Malta não é unilateral nem complica os problemas com o intuito de os intelectualizar. Profundamente e humanamente natural, descendente em linha recta da razão matematica—apenas alterada pela adição dos coeficientes atavicos—da arte intrinseca dos homens vigens de todas as épocas, desde, talvez, o Cromagnon, a obra deste pintor é completamente explicita e demonstrativa». E', creio eu, de toda a evidencia, haver aqui juizos e afirmações erróneas debaixo dum ponto de vista logico. Não sei que relação se possa estabelecer entre uma arte «profundamente e humanamente natural» e a «razão matematica». Creio não haver nada, mesmo, tão antagonico como uma arte humanamente natural e uma arte de procedência matematica. Mas não tarda que Celestino Gomes afirme: «e consegue (Eduardo Malta) os melhores elementos figurados com que, em vez de ilusionismo, nos dá a sugestão justa do que os seus olhos viram, a expressão ultra-ótica dos modelos». A'parte a expressão *ultra-ótica*, que eu não sei bem o que quer dizer neste caso, aqui se nos depara uma das afirmações fundamentais de Celestino Gomes: a obra de Eduardo Malta não é a obra de um ilusionista. Quanto a mim, é erro afirmar-se que o pintor procura a flagrança do modelo—o parecido—não é um ilusionista. Penso exactamente o contrario: para mim, o pintor que busca antes de mais nada o parecido é ilusionista integro. A mais completa expressão de o parecido é-nos dada pelo *trompe-l'oeil*, expressão com que os franceses designam toda a obra plastica que visa a confundir-se com o real. Ora não se me afigura provavel conseguir essa tão grande ilusão sem se proceder como ilusionista. Que buscarem os pintores obcecados pela ideia de parecido senão criar uma especie de *trompe-l'oeil*? Todos os processos plasticos que buscam substituir a visão pessoal do pintor pela reprodução objectiva do modelo são processos *imitativos*, logo ilusionistas.

SEGREDO

O que os teus olhos dizem, tu não dizes
Nem com a propria voz, saudoso mel.
E eles saudosos brilham:—Manuel,
Ha quanto tempo sômos infelizes!...

E nesses dois romanticos paises,
De palpebras de seda, fez docel
A tristeza, tão meiga e tão cruel,
Que no meu coração fundou raizes.

Nos teus olhos sombrios, portuguezas,
Um não sei quê de oriental murmura
Versos de cor, que eu adivinho ás vezes.

A palavra falada ou de escritura
E' o supremo encanto dos burguezes,
Que não aprendem com a Desventura!

GIL VAZ

Diz Celestino Gomes que a arte do retrato de Eduardo Malta se caracteriza por Eduardo Malta não fazer, «como alguns, retratos *contra* pessoas, em vez de retratos de pessoas». Isto é, para Eduardo Malta, segundo o seu panegirista, um retrato não se *cria*—*imita-se*. Que é fazer um retrato de pessoas, não *contra* pessoas, senão renunciar o artista á sua visão pessoal do modelo—renunciar, portanto, a ser artista. Um artista só pode ter uma visão pessoal do mundo. Caso contrario não o é. Procurar um modelo para reproduzi-lo é não o interpretar. Não o interpretar é não o recriar. Não o recriar é não o ter *voltado a criar*. Como não há arte sem criação, pintar a favor do modelo não é produzir obra de arte—é produzir obras de imitação—*trompe-l'oeil*. O pintor que ambicione pintar desta maneira pratica a ingloria tarefa de querer concorrer com a maquina fotografica na reprodução objectiva da natureza. Na verdade, so a camera escura pode fazer retratos de pessoas. Isto é, retratos com aquela «flagrante semelhança» de que fala Celestino Gomes, mercê da qual toda a gente acha um retrato parecido. Celestino Gomes, a quem se não pode negar uma certa subtilidade, explica difusamente, por um passe pseudo-cientifico, este misterio do flagrante objectivo dos retratos de Eduardo Malta. Quanto a mim, só há uma explicação: não se pode ser flagrante até á concorrência com a maquina fotografica sem se abdicar de todo processo vivo de criação—sem se adoptar um processo mecanico. Mas Celestino Gomes fala em *sonatismo*, em *expressão-eixo*, em *taboa de logaritmos* na intenção de justificar o injustificado...

Repito: não se pode obter o «flagrante objectivo» sem ilusionismo, *trompe-l'oeil*. Um artista digno desse nome—artista é quem se manifesta *contra o mundo* por uma maneira peculiar de o ver ou de o compreender—não pode ser um criador de valores esteticos sem interpretar a realidade. O retratista tem de reconstruir a figura do retratado pela sua propria compreensão dele. Por isso não concordo com Celestino Gomes quando escreve: «Na arte de Eduardo Malta não há convenções nem concordâncias—porque ela fala sempre a mais candida sinceridade e, sobretudo, a mais razoavel verdade». Não. A *candida sinceridade* é incompativel com a *imitação*. Em arte nunca haverá *razoaveis verdades*—mas *verdades absolutas*, tantas verdades absolutas quantos os artistas que se debruçam sobre a realidade.

Demais, Celestino Gomes verifica que o «segredo classico» de «encontrar o caracter de um retrato consistia, parece, em que se não corrigiam os defeitos do modelo mas antes se accentuavam intencionalmente». E observa tambem: «E insiste-se neste ensino paradoxal de deformação dos elementos fisionomicos aproveitando-se disso como dum dos traços característicos que mais ajudam o caracter». Paradoxal este ensino? Nada disso. Paradoxal é o processo que Celestino Gomes diz ser o do pintor estudado. Segundo Celestino Gomes, Eduardo Malta «jamais regeitou um modelo ou deixou de encontrar-lhe semelhança». (Pergunto: que fotografia rejeitará um modelo?) Paradoxal é corrigir os erros do modelo, fazendo bonito, em vez de característico, verdadeira e pessoal. A expressão humana traduz-se pela alteração das linhas fisionomicas. As mais expressivas mascaras humanas são as mais assimetricas. E', pois, na assimetria que reside o caracter do modelo vivo. As linhas dominantes de uma fisionomia são o modo de tradução do seu caracter. Ora o trabalho do retratista criador incidirá fundamentalmente na seleccionação dos elementos fisionomicos que mais o impressionam no

modelo. Isto é, um homem só corresponde o seu semelhante pelo que nele há de identico a si mesmo. Só compreendemos os outros por simpatia, isto é, por vibração unisona das nossas semelhantes naturezas. Aceitamos e compreendemos os outros pelo que neles descobrimos de identico ao que em nós mesmos já existe. Por isso, um pintor só poderá um *caracter* na medida em que atingiu o que no seu modelo lhe é revelado pela sua propria experiencia intima dele. Daí que o pintor faça incidir a sua visão naquilo que no retratado existe capaz de por ele ser intimamente compreendido, aceite ou intuito. Daí as deformações que lhe imporá. Daí um retrato ser feito *contra o modelo*, visto que a favor de uma compreensão parcial do seu caracter. Só assim se explica que Malhoa haja rejeitado um modelo «por não ter cara propria para tratá-lo». Malhoa queria dizer, nem mais nem menos, não achar no modelo que se lhe apresentava o que quer que fosse de susceptivel de por ele ser compreendido. O modelo estava fora da sua parcialidade. O artista é um homem parcial. Daí o retratista profissional ser quasi sempre mediocre artista. Que grande artista teria sido retratista profissional? Seria Columbano capaz de retratar todos os modelos que se lhe apresentassem? Duvido. Tem razão, por isso, Celestino Gomes em considerar Eduardo Malta «pintor mundano». A verdade é que Eduardo Malta tambem é parcial, a seu modo: para ele os modelos são sempre *perfeitos*, sem nodoas. O «mundano» estima particularmente o pintor que lhe tire todas as nodoas, mesmo as da alma. Que havia de fazer um Columbano entre mundanos, se ele só sabia pintar com «nodoas», ampliando-as, criando *caracteres*, criando, numa palavra.

Eis por que Eduardo Malta, conforme o afirma Celestino Gomes, «ainda não traduziu ninguém», nenhum modelo, claro, «e dá-os todos em edição original». Quanto a Celestino Gomes, Malta faz espanhol o espanhol, escandinavo o escandinavo e oriental o oriental—coisa que não souberam fazer Zuloaga, Velasquez ou Durer. Sim: e a razão é simples: Zuloaga, Velasquez ou Durer eram criadores—Eduardo Malta é um *imitador da natureza*. Imitar é *minar* o exterior das coisas sem nada lhe juntar de proprio, de pessoal «Quem imita não tira nada de si, escrevi eu algures, *colhe fora de si*. Imitar é fingir. Finge-se o que se não é. Ora a arte é essencialmente a revelação do que cada um é, ou melhor ainda, do que em cada um de nós é o mundo exterior». Realmente, não me parece grande elogio esse que Celestino Gomes faz de Eduardo Malta.

Creio não se ter meditado ainda bastante nisto, nesta verdade comestinha: artista é o homem que personaliza tudo aquilo em que toca. Por isso se me não afigura admissivel que o retratista que pinta *flagrantemente*, isto é, de maneira a que os seus quadros se confundam com a realidade, mercê da fixação daquele *eixo* in-caracteristico pelo qual um homem é aparentemente aquilo que parece ser—não se me afigura admissivel, repito, que tal retratista seja grande artista. Se o tivéssemos de considerar maior do que Velasquez ou Durer, que lugar atribuir aos autores das figuras de cera do Museu Grevin? Não é verdade toda a gente reconhecer a flagrança de tais figuras?

Quanto a mim a confusão que Celestino Gomes estabelece entre a arte do retrato que *cinge a flagrança* e arte do retrato que a altera ou *deforma* vem do seguinte: A camera escura criou no homem a ilusão de um *parecido mecanico*, inexistente antes da sua descoberta. Veja-se o que se passa com algumas figuras historicas. E' possivel identificarem-se dois retratos de D. Sebastião ou de Vasco da Gama ou de D. João II? Todos são diferentes entre si. Porquê? Porque, não existindo então a maquina fotografica, não se pôde formar uma imagem esteriopada, mecanica, objectiva, de cada uma dessas figuras. Cada pintor tinha a sua visão pessoal da figura que retratava. Só presentemente, depois da divulgação da maquina fotografica, se supôs existir uma imagem imparcial ou objectiva do homem. Daí poder afirmar-se: a pessoa aqui pintada não está parecida. Quem tal afirma sabe ser possivel obter dessa mesma figura uma imagem a tal ponto in-caracteristica que se dirá *flagrante*—de toda agente. Antes da descoberta da camera escura ninguém tinha a veleidade de supor que a figura humana pudes-se ser reproduzida *tal qual*, isto é, *in-caracteristica* ou *objectivamente*. A' objectiva da maquina fotografica se deve essa imagem do homem a que poderemos chamar *cientifica*. Com ela se elaboram as fichas antropométricas.

Eis porque a pintura moderna, tendo compreendido a inutilidade de concorrer com a maquina fotografica escolheu caminho nitidamente oposto áquele que Celestino Gomes julga ser o do retratista. A arte do retrato é, em todos os grandes pintores do mundo *não mundanos*, uma arte *contra o modelo*.

Para findar, não devo esquecer o cuidado da edição deste ensaio, que se deve á *Editorial Inquérito*.

JOÃO GASPAR SIMÕES